

ÉRIKA PEREIRA ANTUNES

**SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA: O CASO DOS BAIROS
ARDUÍNO BOLÍVAR – AMORAS – E SÃO JOSÉ – LARANJAL, VIÇOSA-MG**

**Viçosa – MG
Setembro de 2006**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
CURSO DE GEOGRAFIA

**SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL URBANA: O CASO DOS BAIROS
ARDUÍNO BOLÍVAR – AMORAS – E SÃO JOSÉ – LARANJAL, VIÇOSA-MG**

Monografia apresentada como exigência parcial
para a obtenção do grau de Bacharelado em
Geografia pela Universidade Federal de Viçosa.

Orientadora:

Prof^o D.S. Maria Isabel de Jesus Crhysóstomo

Acadêmica:

Érika Pereira Antunes

**Viçosa – MG
Setembro de 2006**

AGRADECIMENTOS

Agradeço a Deus pelo dom da vida, pela sabedoria, conhecimento e por colocar em meu caminho as pessoas certas e nunca ter deixado que faltassem as oportunidades.

A meus pais, Jaime e Maria Luiza, por acreditarem no meu sonho, sonhar comigo e me dar forças e tudo que eu precisava para alcançar meus objetivos.

As minhas irmãs: Monika, pelo apoio, pela ajuda; e Kelly, por todo auxílio e por ter me acompanhado em todo trabalho de campo.

As minhas amigas geógrafas, Janaína e Letícia, por toda ajuda, pelo incentivo, por sempre me fazerem acreditar que eu conseguiria. Também a Sonale, por me acompanhar sempre que possível.

As minhas irmãs de república, Joyce, Kelly, Mariana e Isabela, pelo carinho e compreensão, especialmente a Kelly, por todo “apoio técnico” e pela amizade.

As amigas da “república anexa”, Rose, Sabrina e Michele, pelo carinho e pelo auxílio no momento de desespero.

A Dona Efigênia e Senhor Geraldo, meus “pais” em Viçosa, pelo acolhimento, pelas orações. E também a Gagá, pelas brincadeiras, pelo carinho.

A minha orientadora, pela paciência, orientação, disponibilidade, pelos ensinamentos, pelos “puxões de orelha”, pela compreensão, meus sinceros agradecimentos.

Aos meus professores, por todos os ensinamentos que me apresentaram, especialmente ao Ronan, responsável pelos primeiros passos desta pesquisa.

Aos meus amigos de curso, por terem me apoiado sempre.

Aos moradores dos bairros Arduíno Bolívar e São José, por gentilmente contribuírem de maneira tão significativa para este estudo.

RESUMO

Nesta monografia discutimos os processos espaciais relacionados à segregação, notadamente a segregação imposta, que leva contingentes populacionais a terem dificuldade de acesso a bens urbanos e equipamentos de infra-estrutura. Nesse sentido, buscamos compreender como são formadas áreas periféricas constituídas por população de baixa renda e quais são suas características, a partir da análise dos bairros Arduíno Bolívar e São José, localizados na periferia do município de Viçosa-MG. Para tanto, realizamos entrevistas, levantamento de dados e trabalho de campo com posterior interpretação das informações obtidas. Os bairros são formados por uma população que migrou para Viçosa em busca de melhor qualidade de vida e de casa própria, encontrando nos bairros a possibilidade de acesso a terra. Os bairros foram loteados sem que houvesse sido implementada infra-estrutura adequada. São formados por uma população com baixo poder aquisitivo, com limitado acesso a educação, emprego e lazer. Apesar de possuírem mais de trinta anos de criação, ainda hoje, nem todas ruas dos bairros são pavimentadas, não há rede de drenagem pluvial eficiente, não há comércio suficiente para atender a população, não há escola de Ensino Médio, não há emprego, o atendimento médico é precário, dentre outros fatores. Com base nos dados, informações e nas análises realizadas, constatamos que se trata de bairros formados a partir da expansão do núcleo urbano do município de Viçosa, constituídos por uma população segregada por não possuir poder aquisitivo para se instalar ou se manter no centro ou em áreas próximas ao mesmo, onde o acesso aos bens urbanos é mais fácil.

SUMÁRIO

Lista de figuras	ii
Lista de quadro e tabelas	iv
Introdução	8
1. A Segregação Urbana no Contexto da Urbanização Brasileira: o Caso de Viçosa	12
1.1. Segregação Urbana em Viçosa	17
2. Arduíno Bolívar e São José: dois bairros na periferia de Viçosa	21
2.1. A formação das áreas periféricas em Viçosa	21
2.2. Histórico dos bairros narrado por suas lideranças comunitárias	22
2.2.1. Algumas características da população e se suas residências	25
2.3. Os bairros hoje e seus problemas	28
2.3.1. Arduíno Bolívar	28
2.3.2. São José	34
3. Os moradores dos bairros e seu perfil socioeconômico	40
4. A segregação socioespacial revelada nas reivindicações dos moradores	50
4.1. As organizações comunitárias	50
4.1.1. Associação de Moradores do Bairro Arduíno Bolívar	50
4.1.2. Associação de Moradores do Bairro São José	51
4.2. O que deve melhorar na opinião dos moradores	52
4.3. Como os moradores já conseguiram melhorias	60
4.3.1. Algumas conquistas das da Associação de Moradores	60
Considerações Finais	62
Bibliografia	64
Anexos	66

LISTA DE FIGURAS

1 – Localização do município de Viçosa-MG	18
2 – Tempo que reside no Bairro – Arduíno Bolívar e São José – 2006	25
3 – Local onde os entrevistados moravam antes de se mudar para o Bairro – Arduíno Bolívar e São José – 2006	26
4 – Motivo de os entrevistados terem se mudado para os bairros – Arduíno Bolívar e São José – 2006	27
5 – Croqui dos bairros pesquisados – 2006	29
6 – Parte da rua do Contorno que desmoronou – 2006	30
7 – Rua São Tomé – 2006	31
8 – Rua São Paulo – 2006	31
9 – Rua Santo André: rua calçada no bairro Arduíno Bolívar – 2006	32
10 – Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima – 2006	32
11 – Praça Espírito Santo – 2006	32
12 – Vista parcial do bairro São José – 2006	35
13 – Trecho íngreme na rua São Geraldo – 2006	35
14 – Rua Ermínia Isabel Costa: rua de terra – 2006	36
15 – Praça dos Inconfidentes – 2006	36
16 – Árvores na rua Manuel Venutte – 2006	37
17 – Sumidouro na rua Dona Inês de Castro – 2006	37
18 – Caixa coletora na rua Sebastião Maria – 2006	38
19 – Idade dos Chefes de Família – Arduíno Bolívar – 2006	41
20 – Idade dos Chefes de Família – São José – 2006	41
21 – Grau de Instrução de Chefes de Família – Arduíno Bolívar e São José – 2006	42
22 – Locais onde os entrevistados estudam – Arduíno Bolívar – 2006	43
23 – Locais onde os entrevistados estudam – São José – 2006	43
24 – Bairros onde os entrevistados trabalham – Arduíno Bolívar – 2006	45
25 – Bairros onde os entrevistados trabalham – São José – 2006	45
26 – Como os entrevistados consideram a oferta de emprego em Viçosa - Arduíno Bolívar e São José – 2006	46

27 – Renda total da família dos entrevistados – Arduíno Bolívar – 2006	48
28 – Renda total da família dos entrevistados – São José – 2006	48
29 – Principal meio de transporte utilizado pelos entrevistados – Arduíno Bolívar e São José – 2006	55
30 – Local onde os entrevistados se divertem –Arduíno Bolívar e São José – 2006	56
31 – Como os entrevistados consideram o atendimento médico no bairro – Arduíno Bolívar e São José – 2006	58

LISTA DE QUADRO E TABELAS

Quadro 01: Parte Relativa dos Aglomerados com mais de 20 mil Habitantes sobre a População Urbana Total (%) 1940-1996	13
Tabela 1 – Equipamentos encontrados nas residências em Arduíno Bolívar e São José – 2006	49
Tabela 2 – O que os entrevistados de Arduíno Bolívar acreditam que falta na rua em que moram – 2006	54
Tabela 3 – O que os entrevistados de São José acreditam que falta na rua em que moram – 2006	54
Tabela 4 – Onde os entrevistados vão quando alguém fica doente – Arduíno Bolívar e São José – 2006	57
Tabela 5 – O que os entrevistados em Arduíno Bolívar consideram que falta no bairro – 2006	59
Tabela 6 – O que os entrevistados em São José consideram que falta no bairro – 2006	59

INTRODUÇÃO

A produção do espaço urbano é bastante dinâmica. Encontramos em uma mesma cidade, bairros distintos, cada um com suas características. Em cada bairro encontramos aspectos que são considerados bons ou ruins. Em um primeiro momento isso parece normal, já que cada área da cidade cresce em ritmo diferenciado, obedecendo a sua própria dinâmica. No entanto, quando olhamos mais profundamente essas diferenças, observamos que determinadas áreas da cidade não possuem os mesmos equipamentos e a mesma infra-estrutura que encontramos em outras, além das diversas características socioeconômicas, como renda e grau de instrução.

É o caso, por exemplo, das áreas periféricas, locais que em geral a população residente não tem acesso aos bens urbanos, em função do processo de segregação que levou a sua formação. Analisamos, nesta pesquisa, as áreas periféricas constituídas por população de baixa renda. Compreender como tais áreas são formadas e quais as suas características socioeconômicas e espaciais é o tema central deste trabalho. Assim, nesta monografia, discutimos os processos espaciais relacionados à segregação, notadamente a segregação imposta, que leva a formação de áreas periféricas a partir da expulsão de contingentes populacionais, com restrito acesso a renda, das áreas mais valorizadas da cidade, em particular as próximas ao centro, onde o acesso aos bens urbanos é mais fácil.

Para compreender como tal processo se manifesta, analisamos os bairros Arduíno Bolívar – Amoras, e São José – Laranjal, localizados na periferia do município de Viçosa-MG. Estas áreas, que se expandiram a partir do processo de federalização da Universidade – evento que desencadeou uma procura e valorização dos terrenos nas áreas centrais – são uma das manifestações mais contundentes de produção de espaços periféricos nos países subdesenvolvidos.

Acreditamos que este trabalho é relevante, pois tem a intenção de desvendar a dinâmica socioespacial de dois bairros do município de Viçosa que constituem uma periferia segregada e com acesso inadequado a bens e serviços urbanos. Nesta perspectiva, compreender como são as áreas periféricas torna esta pesquisa relevante para um melhor entendimento da dinâmica dessas áreas. Por outro lado, ao se desvendar como é a vida nas áreas periféricas, locais que apresentam problemas de segurança,

infra-estrutura, educação, saúde – típicos dessas áreas – nossa pesquisa torna-se de extrema importância para uma futura atuação do Estado, visando a melhoria na qualidade de vida daqueles moradores. Ou seja, intentamos, ao levantar e analisar as condições socioespaciais desses bairros, contribuir para uma possível transformação.

Assim, especificamente, objetivamos identificar a formação socioespacial dos bairros pesquisados, bem como a sua atual forma de ocupação; apontar os principais problemas enfrentados pela população; a característica de serviços públicos existentes nos bairros, bem como averiguar se a população tem acesso a tais serviços.

Utilizamos como procedimentos de pesquisa um levantamento bibliográfico de materiais que tratam do tema proposto e que, de alguma forma, contribuíram para a discussão e análise do tema. Neste aspecto, os autores que mais contribuíram para o debate realizado nesta pesquisa foram: Ana Fani Alessandri Carlos, que debate os temas pertinentes à cidade e ao espaço urbano; Roberto Lobato Corrêa, que ao discutir também tais temas contribui de forma significativa no debate sobre segregação; Milton Santos, teórico fundamental na discussão sobre o urbano e a urbanização brasileira; Marcelo Lopes de Souza, que dedica seus estudos aos aspectos urbanos, enfatizando os ativismos sociais; Janice Perlman, que desmistifica o mito da marginalidade, afirmando ser a população de baixa renda capaz de integrar-se a vida urbana; Henri Lefebvre, que discute o fenômeno da sociedade urbana, sua formação e dinâmica, compreendendo a realidade constituída a partir da industrialização e Jan Bitoun e Livia Miranda, que realizam um estudo sobre a diferenciação sócio-ocupacional, apresentando uma discussão sobre o conceito de segregação.

Em um segundo momento, realizamos levantamentos de dados e informações sobre os referidos bairros junto a Prefeitura Municipal de Viçosa, em particular na Secretaria de Fiscalização, onde obtivemos dados referentes ao total de edificados, comércio e prestação de serviço, além de dados referentes ao IPTU. Recolhemos dados também na Secretaria de Obras, onde obtivemos a listagem das obras realizadas nos últimos dois anos em toda cidade, além de um croqui dos bairros pesquisados.

Ainda, neste momento, foram elaboradas entrevistas estruturadas e semi-estruturadas. As entrevistas semi-estruturadas foram dirigidas aos presidentes das Associações de Moradores dos bairros pesquisados e, também, a uma das responsáveis pela creche do bairro Arduíno Bolívar. A entrevista aos presidentes das Associações

(Anexo 1) foi feita com o intuito de averiguar como a Associação de Moradores atua no bairro, levantar as condições do bairro e o histórico do mesmo. A entrevista dirigida a responsável pela creche (Anexo 2), foi feita com o intuito de averiguar como a creche é mantida, bem como sua importância para os moradores do bairro.

No caso do bairro Arduíno Bolívar, a entrevista foi realizada com Marcelo Machado Martins, presidente da Associação. No caso do bairro São José, foi realizada com Francisca Pereira da Cruz e Jean Joubert Rodrigues, respectivamente, presidente e vice da Associação de Moradores.

As entrevistas estruturadas (Anexo 3) foram dirigidas aos moradores dos bairros, procurando atingir em torno de 20% das residências existentes nos locais da pesquisa. O levantamento do total de residências foi realizado da seguinte forma: por meio de observação de campo, contamos quantas casas haviam em cada rua. Cabe ressaltar que esse total não incluiu os estabelecimentos comerciais, lotes e casas abandonadas ou em construção. Por esse motivo, procuramos atingir um percentual de 20%, em cada rua, para que tivéssemos uma amostragem significativa.

Juntamente com a realização dessas entrevistas foi feita a observação de campo nos bairros para compreender as características do seu uso e ocupação. O trabalho de campo foi aproveitado também para fotografar a área de estudo, com o intuito de ilustrar a paisagem da área em questão.

Os dados coletados foram tabulados e interpretados, buscando relações com a bibliografia consultada. Além disso, tal interpretação serviu para detectar os problemas existentes nos bairros e para problematizar a discussão sobre o processo de segregação.

A monografia, fruto da pesquisa, está dividida em quatro capítulos, além desta introdução e das considerações finais. O primeiro capítulo apresenta um debate sobre o processo de urbanização no Brasil e em Viçosa, enfatizando o processo de segregação urbana, especialmente o ocorrido nesta cidade.

No segundo capítulo apresentamos, por meio de análise de algumas bibliografias, a formação das áreas periféricas constituídas por população de baixa renda em Viçosa, bem como o histórico dos bairros pesquisados, narrado por suas lideranças comunitárias, com o intuito de compreender como foi a formação dos mesmos. Em um segundo momento deste capítulo, são apresentados os principais aspectos urbanísticos dos bairros nos dias atuais e, também, alguns de seus problemas.

No terceiro capítulo, analisamos as características da população dos bairros e, por meio de gráficos, tabela e debates, apresentamos os dados e informações obtidos em campo e que se referem ao perfil socioeconômico dos moradores.

No quarto capítulo discutimos as reivindicações dos moradores, enfatizando as características que revelam segregação socioespacial. Ao mostrar a luta dos moradores por melhorias, discutimos também as mudanças que já foram implementadas.

Por fim, foram realizadas as considerações finais, buscando ressaltar os pontos mais relevantes da pesquisa e problematizar as questões referentes ao processo de segregação, tendo em vista a indicação de soluções para os problemas detectados.

1. A SEGREGAÇÃO URBANA NO CONTEXTO DA URBANIZAÇÃO BRASILEIRA: O CASO DE VIÇOSA

De acordo com Santos (1993), a urbanização no Brasil demorou três séculos para ocorrer, iniciando-se no século XVIII e sendo consolidada a partir da década de 40 do século XX, quando adquiriu as características que conhecemos hoje. Tal processo, antes da década de 40, compreendeu três períodos: do fim do período colonial até o final do século XIX, de 1890 a 1920 e de 1920 a 1940. No primeiro momento houve pouco crescimento urbano no Brasil, no período de 1890 a 1920, segundo momento, o índice de urbanização brasileira cresce de 6,8% para 10,7% e nas duas décadas seguintes, terceiro momento – 1920 a 1940 – este índice triplica. Esses períodos compreendem um regime de oscilações no crescimento das cidades. A partir da Segunda Guerra Mundial, é identificado um outro regime, de crescimento em todas as capitais, ou seja, as cidades não pararam de crescer.

Com a industrialização intensificada a partir de 1940, é que uma nova lógica espacial foi se estabelecendo, centros industriais foram interligados as áreas fornecedoras de matéria-prima e receptoras de mercadorias, além de serem criados equipamentos de infra-estrutura para atender a nova dinâmica do território brasileiro. Assim, passou-se a se pensar em país, e não mais nas regiões. Uma vez que a industrialização requereu a integração do território, este processo impulsionou diretamente a urbanização, pois novas redes de relações e novos equipamentos de infra-estrutura foram criados e instalados, o que transformou os espaços.

Em função do rápido crescimento das grandes cidades no período entre 1940 a 1980, a taxa de urbanização que era de 26,35%, atingiu 68,86% em 1980. Tendo em vista este acelerado processo, agravaram-se os problemas de desemprego, bem como a dificuldade de acesso a terra, o que desencadeou o fenômeno da repulsão, iniciando o crescimento das pequenas e médias cidades. Esses espaços passaram, a partir de então, a se constituírem em pólos atrativos de grande contingente populacional, por oferecerem novas oportunidades de trabalho e moradia.

Dessa forma, com o crescimento das cidades (quadro 01), aumentou também a população de baixa renda e, paralelamente, tornou-se cada vez mais precário o acesso a bens e serviços, já que no Brasil a industrialização não foi acompanhada por um

crescimento adequado de oferta de empregos e infra-estrutura para a população. Segundo Santos e Silveira (2002), a atração exercida pelas pequenas e médias cidades é comprovada pelo fato de que a população que residia em núcleos urbanos com mais de 20 mil habitantes passou a representar 77% do total de população urbana entre 1950 e 1980 e 88% entre 1980 e 1996.

Como argumenta Santos (1993, p.11) “ao longo do século, mas sobretudo nos períodos mais recentes, o processo brasileiro de urbanização revela uma crescente associação com o da pobreza, cujo *locus* passa a ser, cada vez mais, a cidade, sobretudo a grande cidade.”

Quadro 01: Parte Relativa dos Aglomerados com mais de 20 mil Habitantes sobre a População Urbana Total (%) 1940-1996

	1940	1960	1980	1996
Brasil	48,53	60,33	73,84	78,38
Norte	57,48	56,52	63,32	72,36
Nordeste	35,48	46,80	61,93	67,83
Sudeste	56,77	68,69	82,04	85,75
Sul	41,17	55,25	67,10	75,25
Centro-Oeste	18,28	55,16	68,74	74,50

Fonte: Santos; Silveira, 2002, p.204.

Vários foram os fatores que contribuíram para a saída das pessoas do campo para as cidades, aumentando a população urbana. Dentre eles, destacamos a pobreza nas áreas rurais, que foi intensificada pela grande concentração de terras e pela mecanização agrícola. Dessa maneira, um contingente populacional considerável, abandonou o campo, por não conseguir sobreviver nessas áreas e migrou para as cidades, principalmente para as grandes cidades.

A elevada taxa de migração, como aponta Santos e Silveira (2002), se intensificou a partir de 1950 e se elevou nos decênios seguintes, o que misturou no território grupos sociais de diversas origens. A taxa de pessoas fora de seus locais de nascimento quadruplicou entre 1940 e 1970. Em números absolutos, os autores constataam que o percentual de brasileiros ausentes de seu local de origem em relação à

população total era de 8,5% em 1940, 18,2% em 1960 e passou para 38,9% em 1980. Ressaltam, os mesmos autores, que nem todo percentual de pessoas que migrou do campo se dirigiu para a cidade, isto é muitos migrantes, apesar das dificuldades, procuraram se fixar no campo, mas dificilmente conseguiram se manter no campo com a mecanização agrícola e a concentração fundiária.

Dessa maneira, no período de 1940 a 1980, a taxa de migração no Brasil foi considerável, fato que contribuiu para o agravamento dos problemas nas cidades, principalmente se lembrarmos que estas não possuíam equipamentos e serviços capazes de absorver o elevado contingente populacional oriundo do campo.

Conforme já colocado, neste processo também as cidades médias passaram a ser atrativas para população migrante, já que ocorreu um crescimento acelerado destas. Isto ocorreu, pois estas cada vez mais se apresentavam como locais onde havia oportunidade de moradia e emprego, especialmente para população oriunda do campo. Entretanto, conforme assinala Bassul (2002), as médias cidades não deixaram de enfrentar os mesmos problemas identificados nas grandes metrópoles:

A dificuldade do acesso à terra tem sido fator determinante de carências e desigualdades sociais. Nas cidades, os altos preços do solo urbanizado determinam a segregação populacional por estratos de renda e impõem ônus sociais inversamente proporcionais à capacidade de pagamento de quem os suporta. Obrigados a buscar alojamento em áreas distantes e precariamente providas de serviços públicos, são exatamente os mais pobres os que arcam com os custos mais elevados de transporte e de acesso a bens e serviços urbanos. Se a propriedade fundiária dividiu os homens, hoje divide as cidades e exclui aqueles que as fizeram e nelas buscam abrigo. (BASSUL, 2002, p.01)

A expansão dos núcleos urbanos das pequenas e médias cidades, decorrente da repulsão ocorrida no campo e dos graves problemas já encontrados nas grandes cidades, impediu que a população de baixa renda, da própria cidade, tivesse acesso aos benefícios urbanos, como moradia adequada em locais próximos ao centro, rede de esgoto, água encanada, escola, serviços de saúde, dentre outros. Com isso, essa população de baixa renda foi expulsa para as áreas periféricas. Além disso, contingentes populacionais que foram atraídos para as cidades, muitas vezes, acabaram por ocupar essas áreas, em função dos aluguéis mais baratos e do menor preço da terra. Dessa forma, esses grupos sociais acabaram por serem segregados. Assim, assinala-se que o

processo de segregação não ocorre somente nos grandes centros, mas em toda cidade que experimenta expansão, sem criar equipamentos de infra-estrutura para acompanhar tal crescimento. Ou seja, com o crescimento dos centros e a consolidação de uma classe dominante, com acesso mais amplo a bens e serviços, os pobres são expulsos do centro, pois já não eram capazes de financeiramente se manterem nesses locais. Dessa forma, são constituídas áreas periféricas com população de baixa renda.

A partir desse processo, a população pobre é segregada para áreas periféricas, já que nesses locais podem pagar os aluguéis, ou construir barracos com materiais impróprios. Ressaltamos que esse processo, a escassez de moradia nos centros urbanos, é também um fator que demonstra a incapacidade destas áreas em absorver o migrante e a população da própria cidade. Assim:

A moradia 'padrão' é tão escassa em relação às necessidades, e mesmo as casas mais baratas custam tão mais caro do que as famílias de renda baixa podem pagar, que os terrenos baldios dentro e fora do perímetro urbano se enchem naturalmente de casebres para milhares de famílias migrantes. (PERLMAN, 1977, p. 39)

No que se refere aos processos de segregação, Perlman (1977) analisa as favelas constituídas por população de baixa renda no Rio de Janeiro, enfatizando as causas que foram responsáveis pela ocupação e crescimento dessas áreas pelos migrantes e pessoas oriundas da própria cidade. Destaca que o centro já não mais absorvia a população da cidade e quando somou-se nesta área os migrantes, ocorreu a expulsão dessa população para áreas cada vez mais longínquas das áreas centrais, onde os serviços urbanos eram precários. Explicando as causas da segregação socioespacial nesta cidade, a autora afirma que:

A moradia tornou-se escassa e cara. Os serviços urbanos, inclusive o transporte desde os subúrbios, eram precários. Aos novos migrantes à procura de casa vinham somar-se os moradores da cidade que não mais podiam pagar os aluguéis nem mesmo de cortiços, avenidas ou cabeças de porco. (PERLMAN, 1977, p.41)

Essa expulsão foi causada, como já ressaltado, pelo acesso a terra cada vez mais difícil em função do preço dos terrenos e aluguéis. A população recém chegada aos centros urbanos dificilmente encontrava abrigo no centro, nem em cortiços, até mesmo

pela dificuldade de alojar as crianças. Uma outra característica da segregação, no Rio de Janeiro, também assinalada por Perlman (1977), é que, na maior parte das vezes, os migrantes chegavam a cidade já sabendo onde iriam se alojar, pois possuíam algum amigo ou parente que migrou anteriormente.

Baseando na análise da autora é que questionamos se a migração de contingentes populacionais do campo para a cidade, não seria apenas a transferência da pobreza rural para a pobreza urbana. Tal questionamento surge ao se considerar que a referida população abandona o campo por não encontrar condições adequadas de sobrevivência e migra para a cidade, na qual acaba por ocupar áreas periféricas sem acesso aos bens urbanos. Entretanto, como afirma a autora, é inegável que essas pessoas serão pobres também nas cidades, embora as condições de vida melhorem com a transferência para os centros urbanos, pois ao menos nas cidades, essas podem vislumbrar em seus filhos oportunidades melhores do que as existentes nas áreas rurais. É importante lembrar que não se pode considerar que o fato dessa população preferir continuar morando na cidade significa que ela esteja satisfeita com suas condições de vida, pois é necessário pensar no acesso dessas pessoas a equipamentos urbanos e sua inserção nesse modo de vida. Isso porque a pobreza urbana é realidade, especialmente para esses grupos, tornando-se urgente melhorias em suas condições de vida¹.

Jan Bitoun e Livia Miranda (2004) compreendem a segregação a partir da desigualdade, que já é um fenômeno histórico da sociedade brasileira, mas sua inserção territorial é algo bem mais complexo. Tais autores argumentam que para compreender tal processo é preciso identificar as duas escalas de tempo: uma escala de tempo maior relacionada aos condicionantes da segregação e outra menor, que diz respeito as decisões familiares. Ao problematizarem a questão da segregação, os autores citam Brun (1994), que discute o processo de segregação que é responsável pela periferização de classes mais pobres e aqueles relacionados a auto-segregação. No primeiro caso, a população sofre o efeito da discriminação e isto não implica necessariamente na distância espacial. Assim é imprescindível não se confundir periferização e segregação. Isto é, a segregação pressupõe uma intenção que resulta na separação de um

¹ Este fato foi constatado pelas entrevistas feitas pela autora com os migrantes, na qual eles afirmaram que não voltariam a morar no campo.

determinado seguimento da sociedade urbana dos demais, o que não necessariamente está relacionado a uma mera ocupação de áreas.

A partir do entendimento de que para a Geografia o espaço é indissociável das lógicas coletivas, os autores assinalam que, para os geógrafos, a segregação refere-se às ações intencionais que levam a discriminação de grupos sociais, reduzindo sua capacidade de usufruir dos bens urbanos.

Nessa perspectiva analisamos, neste trabalho, a segregação imposta, quando grupos sociais pertencentes a classes sociais com baixo poder aquisitivo, ocupam áreas periféricas, constituindo locais com acesso limitado aos bens urbanos e a equipamentos de infra-estrutura.

Considerando a segregação como ação intencional que discrimina determinados grupos sociais ao acesso a infra-estrutura, especialmente a moradia adequada, constatamos que são várias as cidades que enfrentam problemas urbanos, como a segregação e a conseqüente constituição de áreas periféricas, formadas por população de baixa renda. Esse é o caso da cidade de Viçosa, cujos aspectos serão analisados a seguir.

1.1. Segregação Urbana em Viçosa

Como em muitos outros municípios brasileiros, Viçosa (figura 1) teve sua origem ligada ao patrimônio religioso que foi constituído a partir da construção da capela de Santa Rita, padroeira do município. A primeira localização da capela estava assentada em um vale reduzido, com barreiras físicas que impediam o crescimento. Em 1813 a capela foi transferida dando início ao segundo Patrimônio Religioso de Viçosa. Essa transferência, de acordo com Mello (2002), foi fundamental para a expansão do seu núcleo urbano em função de ser um local mais plano, o que possibilitou a expansão da área urbana.

Até a década de 60 do século XX, a topografia da região influenciou significativamente no crescimento deste município, no entanto, a partir desse período, ocorreu o crescimento da Universidade Rural do Estado de Minas Gerais, propiciada pela incorporação da recém-instituída Universidade Federal de Viçosa, em 1969. Em função do processo de federalização da universidade, as áreas mais adequadas para expansão urbana, que eram próximas ao centro onde se localiza a referida Instituição,

passaram a ser ocupadas por grupos sociais que possuíam renda suficiente para se manterem nesses locais. Dessa forma, iniciou-se a ocupação de áreas impróprias para o assentamento residencial, por grupos que não possuíam amplo acesso a renda, as quais se encontram relativamente afastadas do centro (MELLO, 2002).

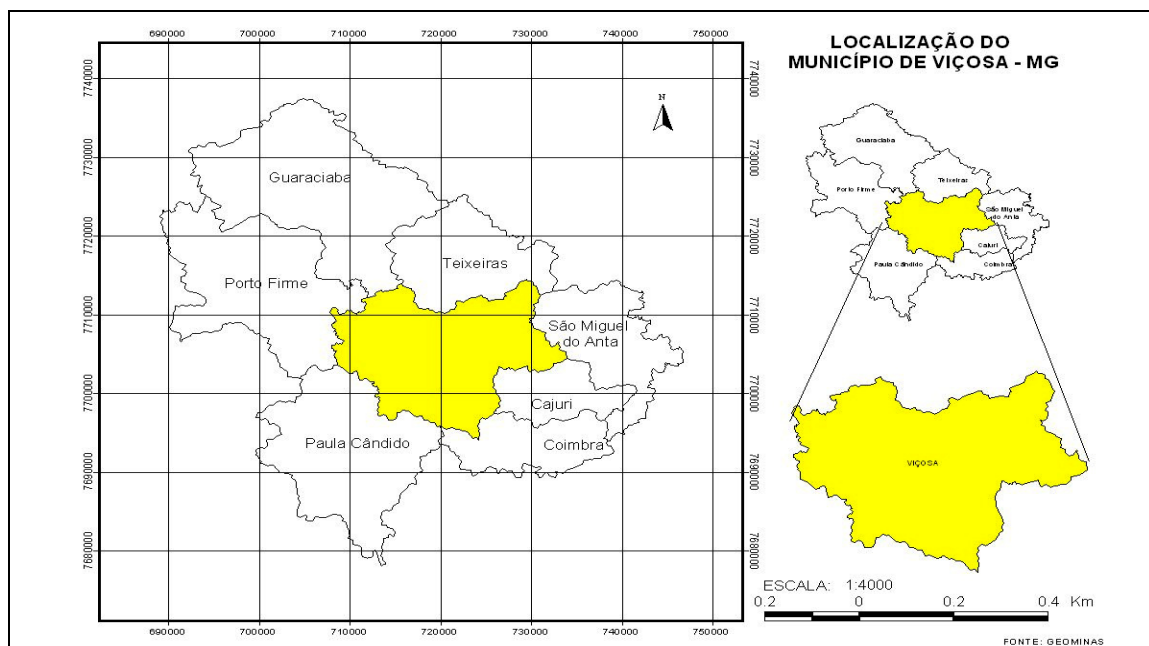


FIGURA 1 – Localização do município de Viçosa-MG

Fonte: Moreira, et.al. (2004).

Com isso, novos espaços começaram a ser ocupados pela população que já não tinha mais condições de morar no centro e, também, por aqueles que chegaram atraídos por novas oportunidades de trabalho, mas, este fato ocorreu especialmente devido a dificuldade de acesso a terra nas áreas centrais.

Mesmo com o aumento populacional reforçado pela atração exercida pela Universidade, Viçosa possuía, de acordo com dados do IBGE, 64.854 habitantes, em 2000 (Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 jun. 2006.). Entretanto, mesmo não possuindo um contingente populacional parecido com os dos grandes centros², Viçosa é um centro urbano que possui características de grandes cidades,

² A maior parte das cidades médias já possui 100.000 habitantes, mas, apesar disso, Viçosa pode ser considerada como tal. Isso porque, de acordo com Carvalho e Barbi (1999), as cidades médias devem ser entendidas no contexto do país e da região na qual estão inseridas.

principalmente no que se refere aos problemas urbanos, portanto a discussão de sua dinâmica é relevante em nossa análise.

Os referidos problemas urbanos acentuaram-se a partir da década de 70, pois, assim como a maioria dos municípios brasileiros, Viçosa passou por um crescimento urbano depredatório e, em consequência da concentração de renda, a população de baixo poder aquisitivo ocupou áreas periféricas, as quais não ofereciam, em sua maioria, infra-estrutura, como transporte, água encanada e rede de esgoto. Conforme assevera Mello (2002), os problemas urbanos em Viçosa, decorrentes desse rápido crescimento da Universidade, acentuou-se porque:

[...] a estrutura urbana não se encontrava preparada para absorver o crescimento populacional motivado pela federalização da Universidade. A infra-estrutura da cidade era precária, o relevo acidentado e [...] a legislação local era permissiva e sujeita a jogos políticos. (MELLO, 2002, p.56)

Com o crescimento da Universidade e a rápida expansão do núcleo urbano, aumentou o valor das terras localizadas no centro ou próximas a ele. Além disso, a quantidade de áreas disponíveis para ocupação tornou-se cada vez mais escassa, repelindo a população para áreas afastadas e impulsionando o crescimento das periferias.

Nessa perspectiva, pode-se considerar que a estrutura física das cidades, em especial de Viçosa, constituída por um centro e por suas periferias, reproduziu a pobreza, uma vez que a população periférica passou a ser ainda mais pobre. Nesta linha, concordamos com Santos (1993) quando assinala que o modelo espacial “centro-periferia” é criador de pobreza, pois quando a população afasta-se cada vez mais do centro, devido à dificuldade de acesso a equipamentos de infra-estrutura urbana, amplia o número de pobres que ficam cada vez mais pobres. Assim, a expansão da malha urbana torna ainda mais afastada a população, fazendo com que o modelo espacial seja um impulsionador da pobreza.

Discutindo segregação e o modelo espacial consolidado no espaço urbano brasileiro, Corrêa (1989, p.7) afirma que “o espaço urbano é simultaneamente fragmentado e articulado: cada uma de suas partes mantém relações espaciais com as demais, ainda que de intensidade muito variável.” Assim, para se compreender o espaço

urbano é necessário compreender cada parte. Uma dessas partes são as periferias constituídas, em sua maioria, por uma população de baixa renda que foi segregada para essas áreas de pouca infra-estrutura.

Ainda com base nas idéias de Corrêa (1989), ele aponta dois tipos de segregação: a auto-segregação e a segregação imposta. Assim:

[...] pode-se falar em auto-segregação e segregação imposta, a primeira referindo-se à segregação da classe dominante, e a segunda à dos grupos sociais cujas opções de como e onde morar são pequenas ou nulas. A segregação assim redimensionada aparece com um duplo papel, o de ser um meio de manutenção dos privilégios por parte da classe dominante e o de um meio de controle social por esta mesma classe sobre os outros grupos sociais, especialmente a classe operária e o exército industrial de reserva. Este controle está diretamente vinculado à necessidade de se manter grupos sociais desempenhando papéis que lhes são destinados dentro da divisão social do trabalho, papéis que implicam em relações antagônicas de classe, papéis impostos pela classe dominante que precisa controlar um grande segmento da sociedade, não apenas no presente, mas também no futuro, pois se torna necessário que se reproduzam as relações sociais da produção. (CORRÊA, 1989, p.65)

Analisando as idéias discutidas pelos referidos autores, observamos que em Viçosa existem várias áreas periféricas, que foram segregadas de maneira imposta. Uma dessas áreas refere-se ao contorno norte-nordeste do município em questão em dois bairros específicos, quais sejam: Arduíno Bolívar, conhecido como Amoras, e São José, conhecido como Laranjal. Como espaços periféricos que tiveram seu processo de produção e dinâmica vinculados a um modelo de urbanização, compreendemos que, em análise, é imprescindível, conforme aponta Ferrara (1993, p.153):

Ao tratar dos espaços periféricos [...] não é possível apreendê-los globalmente como se entendêssemos que o adjetivo que os qualifica os torna necessariamente iguais. É urgente saber de que periferia se trata e como se processam usos e hábitos que a singularizam e fragmentam.

Compreendendo que os espaços periféricos não são necessariamente iguais e que se faz necessário discutir sua dinâmica e seus aspectos, os próximos capítulos referem-se à análise dos referidos bairros, como forma de entender sua formação e suas características socioeconômicas.

2. ARDUÍNO BOLÍVAR E SÃO JOSÉ: DOIS BAIROS NA PERIFERIA DE VIÇOSA

Neste capítulo, será apresentado o processo histórico de formação dos bairros Arduíno Bolívar e São José, com o intuito de demonstrar como ambos foram constituídos a partir da federalização da Universidade. Para tanto, realizaremos, em um primeiro item, um breve comentário sobre a formação de áreas periféricas em Viçosa.

Apresentamos, no segundo item, o histórico dos bairros a partir dos relatos das lideranças comunitárias que atuam mais recentemente nos mesmos. Procuraremos discutir, com tal exposição, como o processo de formação desses bairros está vinculado ao processo de segregação, além de retratar como era o cotidiano dos moradores na época em que o bairro começou. Neste momento serão discutidas algumas características da população e de suas moradias, que comprovam o tempo de residência nos bairros.

No terceiro item deste capítulo, iremos apresentar as características dos bairros atualmente, ressaltando seus aspectos urbanísticos e apresentando quais são os equipamentos de infra-estrutura existentes, com o intuito de demonstrar a continuidade do processo de segregação até os dias atuais. Neste item iremos apresentar fotos e um croqui da área de estudo.

2.1. A formação das áreas periféricas em Viçosa

Este item é baseado nos trabalhos de Mello (2002) e de Lima (2006) o qual cita Paniago (1990). Mello (2002) analisa a formação da paisagem urbana de Viçosa, Lima (2006) apresenta as transformações espaciais ocorridas na cidade após a federalização da Universidade e Paniago (1990), discute o histórico do município.

Lima (2006) afirma que o processo histórico de formação da cidade de Viçosa esteve ligado ao fortalecimento da Universidade, sendo que Mello (2002) aponta como causa desse fortalecimento sua federalização, em 1969. Conforme apontado por Lima (2006), antes da federalização, a relação entre a comunidade viçosense e a estudantil, restringia-se ao comércio de gêneros alimentícios e no emprego de mão-de-obra em atividades ligadas a Universidade. No entanto, com a federalização, a cidade passa a se desenvolver em razão do crescimento da própria Universidade, mudando toda dinâmica

política, econômica, social e espacial, intensificada a partir de 1970. Dessa forma, a Universidade passou a ser a maior fonte econômica da cidade e as atividades desta, se voltaram para o público da referida Instituição. Assim, a Universidade começou a exercer grande influência na cidade, passando a incorporar seus aspectos valorativos (PANIAGO, 1990 apud LIMA, 2006).

Houve aumento no número de cursos e, conseqüentemente, de alunos, professores e funcionários. Assim, ocorreu significativo incremento na oferta de emprego e de oportunidades. Nesse sentido, atraídos pelas novas oportunidades, cresceu o número de migrantes, que eram constituídos em sua maioria por pessoas de baixa renda. Estes, em função de sua condição socioeconômica, ao chegarem a Viçosa foram impedidos de residirem nas áreas centrais em função do preço, o que levou a ocupação dos terrenos mais afastados da cidade, como é o caso dos bairros em questão. Neste sentido, com a federalização da Universidade, a “expulsão” da população de baixa renda para a periferia aumentou, pois o preço dos terrenos ficou ainda mais caro, o que deu margem para a atuação mais expressiva de pequenos e médios agentes do setor imobiliário, além de pequenos proprietários. Estes, vislumbrando o aumento da demanda de aluguéis e residências, passaram a atuar cada vez mais de forma especulativa, o que contribuiu ainda mais para elevar o preço dos imóveis na cidade.

Essa elevação de preço dos imóveis, especialmente no centro, e a crescente dificuldade de acesso às terras no mesmo, impulsionaram a formação de áreas periféricas constituídas por população de baixa renda na cidade de Viçosa, como é o caso dos bairros Arduíno Bolívar e São José.

2.2. Histórico dos bairros narrado por suas lideranças comunitárias

O bairro Arduíno Bolívar é um dos exemplos de áreas formadas a partir do processo de segregação ocorrido no município de Viçosa, tendo em vista que sua população - de baixa renda - não possui acesso amplo aos bens urbanos. Esse bairro foi criado e regulamentado pela Lei nº 125 de 28 de abril de 1975, sendo o prefeito da época Antônio Chequer.

De acordo com relatos de moradores, onde hoje está instalado o bairro Arduíno Bolívar, era um matagal com vários pés de amora. Devido a este fator, o lugar ficou

conhecido como “Alto das Amoras”. Quando o local foi loteado, em 1971, recebeu o nome de Arduíno Bolívar e acabou ficando conhecido pelos dois nomes. Marcelo Machado Martins, presidente da Associação de Moradores do Bairro Arduíno Bolívar relatou que o nome oficial do bairro, Arduíno Bolívar surgiu da seguinte forma: “o Arduíno Bolívar foi professor da Universidade de Viçosa e o prefeito Antônio Chequer tinha um vínculo muito grande com essa pessoa, com o Arduíno Bolívar e veio a homenagem dando o nome do bairro de Arduíno Bolívar”.

Marcelo Machado Martins relata que o loteamento do bairro começou em 1971, sendo que o mesmo foi loteado por Antônio Chequer, o qual, na ocasião, era prefeito. Neste contexto, as pessoas começaram a migrar para Viçosa em busca de emprego e de melhor qualidade de vida, atraídas pela recente federalização da Universidade, que implicou em aumento de vagas, oportunidades de emprego e incremento de diversos setores, como o comércio e a construção civil. A cidade crescia com os novos empregos surgidos a partir da expansão da Universidade.

Tendo em vista tal processo, Antônio Chequer³ comprou e loteou os terrenos onde está localizado o bairro, iniciando assim o seu processo de ocupação. O local que era uma área afastada do centro, portanto de baixo valor monetário, não possuía nenhuma infra-estrutura urbana e equipamentos de uso coletivo, como escolas, postos de saúde, rede de energia etc. Ainda assim, foi este local que o prefeito – numa ação populista – ofereceu aos migrantes pobres para a venda.

Para viabilizar a venda do terreno, o presidente da Associação reafirma o argumento acima colocado dizendo que Antônio Chequer comprou o terreno onde hoje é o bairro por um preço muito baixo e o loteou, assinalando que “Como o aluguel no centro era muito caro, então viu a necessidade de ter um lote, ter uma casinha. E o prefeito vendo essa necessidade nessas pessoas que migraram para cá fez o loteamento aqui no bairro Amoras e vendeu os lotes a preço muito pequeno e até parcelado”.

O entrevistado relatou ainda que os primeiros moradores eram em geral muito pobres e migrantes, tanto de outros bairros de Viçosa como de outras cidades. Este por exemplo foi o caso do seu avô, um dos primeiros moradores do bairro, que veio de

³ Antônio Chequer foi importante liderança política em Viçosa naquela ocasião, tendo em vista a sua popularidade. Ainda hoje, muitos moradores o identificam como aquele que lhes permitiu acesso a casa própria.

Ervália instalando-se na localidade por volta da década de 70, época da implementação do referido loteamento.

Para Machado Martins, nesta ocasião, a maior preocupação do prefeito era em vender os lotes e, por isso, não foi feita nenhuma obra na área, a não ser a abertura das ruas. Assim não havia calçamento, água encanada, rede de esgoto ou luz elétrica. Quando a administração seguinte entrou em exercício, as famílias moradoras desses lotes reivindicaram melhorias para o bairro, e, nesse sentido, foram instaladas as redes de saneamento básico e pluvial, além da construção da praça Espírito Santo. Posteriormente, com a reeleição de Antônio Chequer, foi instalada a rede de energia elétrica no bairro, conectando ao centro, e também foram pavimentadas as ruas.

O outro bairro que exemplifica o processo de segregação socioespacial ocorrido em Viçosa é o São José. Este bairro também se localiza na periferia e sua estrutura e característica reforçam a segregação existente desde sua criação. Não foi encontrada na Prefeitura a Lei de criação do bairro São José, mas de acordo com os moradores, seu loteamento começou por volta de 1970.

A partir do relato de moradores soubemos que o local onde hoje se localiza o bairro São José era uma plantação de laranjas, por isso tal área passou a ser conhecida com “Laranjal”. Quando sua primeira parte foi loteada, recebeu o nome de São José, graças ao desejo do responsável pelo loteamento. Desde então seu nome oficial é São José.

A presidente da Associação de Moradores – Francisca Pereira da Cruz – afirma que é moradora no bairro há trinta e dois anos. Relata que quando se mudou o bairro já estava loteado, mas ainda não existia morador e havia poucas casas. Ela acredita que o loteamento começou há, aproximadamente, trinta e cinco anos. Quando foi morar na localidade, havia apenas os lotes divididos e nem mesmo as ruas tinham sido totalmente abertas. Também não havia água no bairro e, por isso, na ocasião foi instalada uma cisterna na qual tanto os moradores do bairro, como os de Amoras pegavam água.

Francisca Pereira da Cruz afirma que o loteamento das ruas que estão localizadas na parte inferior do bairro, próximo a linha do trem, foi realizado por um morador que se chamava José Anacleto. A outra parte deste bairro pertencia a Sebastião Maria. Segundo a entrevistada, os herdeiros dessa segunda parte do bairro lotearam muitos anos depois a área que era de sua propriedade.

Relata Pereira da Cruz que quando ela e os primeiros moradores chegaram à localidade, somente uma parte do bairro estava loteada – a parte inferior. Ela reafirmava que o nome do bairro está associado à existência de plantações de laranjas antes do seu loteamento.

2.2.1. Algumas características da população e se suas residências

De acordo com o relato das lideranças comunitárias, a maior parte da população dos bairros reside nos mesmos desde sua implementação. Com base nas entrevistas realizadas com os moradores, pudemos constatar esse fato, e também realizar comentários sobre suas moradias, além de detectar as características da migração de contingentes populacionais para os mesmos.

Conforme podemos observar nas figura 2, que apresenta o tempo de residência dos moradores no bairro, a maior parte dos entrevistados, 64,4%, reside nos bairros há mais de 10 anos e o menor percentual, 4,4%, reside a menos de 6 meses. Os dados revelam que os bairros são antigos e que muitos dos entrevistados moram neles desde sua implementação. As informações assinalam também que, apesar de serem moradores antigos, recentemente estes moradores não têm acesso a todos os bens urbanos.

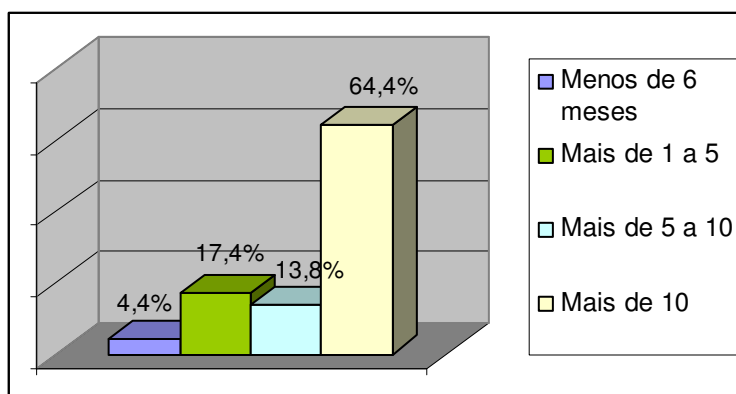


FIGURA 2 – Tempo que reside no Bairro – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Além de perguntarmos em nossa entrevista há quanto tempo os moradores residem no bairro, questionamos também em que lugar o entrevistado morava antes de se mudar. Os resultados de nosso questionamento revelam, conforme podemos notar na

figura 3, que quase a metade dos entrevistados, morava anteriormente em cidades do interior de Minas Gerais, em sua maioria cidades próximas a Viçosa⁴. Constatamos também que o percentual de entrevistados que morava no centro e os que residiam em outro estado é semelhante.

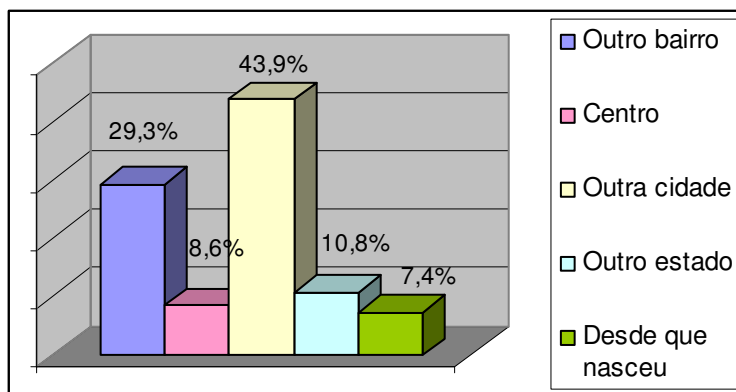


FIGURA 3 – Local onde os entrevistados moravam antes de se mudar para o Bairro – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Os dados e informações confirmam a predominância de migrantes nestes bairros, que se mudaram quando os mesmos foram criados, época que corresponde ao processo de federalização da Universidade. Nessa época, por volta de 1969, são detectadas altas taxas de migração no Brasil, especialmente campo-cidade que conforme assinalamos no primeiro capítulo estão relacionadas à pobreza no campo. Identificando tal processo na cidade de Viçosa, Mello (2002), afirma que, com a federalização da Universidade, muitos grupos chegaram à cidade e, ainda hoje, há vários problemas urbanos decorrentes desse rápido crescimento.

Cabe ressaltar que apesar de todos os entrevistados terem apresentado onde moravam antes de se mudar para os bairros, não conseguiram explicar com clareza o motivo que os levou a se mudarem para os respectivos bairros. Muitos, no entanto, nos revelaram que foi a dificuldade da vida na roça que motivou a sua mudança, ou seja, a procura de melhores condições de vida.

Como nos mostra a figura 4, o maior motivo que levou os moradores a irem residir no bairro foi a possibilidade de adquirir uma casa própria. A busca por melhores

⁴ A maioria dos entrevistados designa essas cidades como “roça”.

condições de vida foi o motivo que levou 20,6% dos entrevistados a se mudarem. A maioria destes afirmou que onde residiam anteriormente não havia escola ou emprego e, por isso, se mudaram para Viçosa e revelam que a escolha dos bairros foi devido ao fato de conseguir comprar lote.

No entanto, quando perguntamos o porquê de realizar este sonho nos bairros em questão, alguns não souberam responder, ao passo que outros responderam que nos referidos bairros, os terrenos eram mais baratos.

Cabe ressaltar que 10,9%, foram morar nos bairros porque se casaram com algum residente dos mesmos. Também revelam alguns entrevistados que o motivo da mudança foi a busca de um tratamento médico, 11,8%.

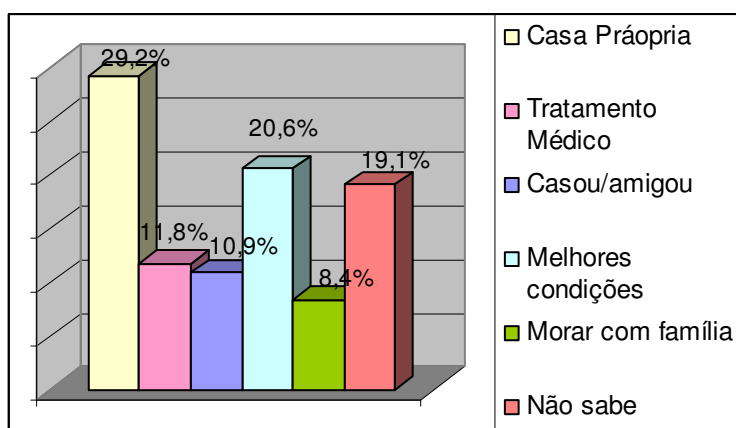


FIGURA 4 – Motivo de os entrevistados terem se mudado para os bairros – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Com relação à propriedade na qual os entrevistados residem, constatamos que aproximadamente 80% moram em casa própria, o que já era esperado, pois um percentual significativo de entrevistados, afirmou ter se mudado para os bairros para conseguirem ter acesso à propriedade. Constatamos também que 8,3% dos entrevistados residem em casa cedida no caso do Arduíno Bolívar e 4,4%, em São José. Observamos que os preços dos aluguéis variam entre R\$70,00 e R\$150,00 e que apenas um entrevistado no bairro de Arduíno Bolívar afirmou residir em casa financiada.

Perguntamos também, dentre os que moram em casa própria, quais possuem escritura. Constatamos que em menos de 15% das residências ainda não há escritura e

que menos de 10% dos entrevistados não souberam responder se possuem escritura ou não. Ou seja, aproximadamente 80% dos entrevistados que residem em casa própria, afirmam possuir escritura do seu imóvel.

Mesmo tratando-se de bairros constituídos há mais de trinta anos, com maior parte da população residente nos mesmos desde sua implementação e possuindo casa própria, os bairros ainda hoje apresentam graves problemas. Esses problemas serão apresentados no próximo item, o qual retrata as atuais características do bairro.

2.3. Os bairros hoje e seus problemas

Os bairros Arduíno Bolívar e São José são próximos, possuindo ruas que quase se encontram em determinados pontos, havendo até mesmo casas que possuem saída para os dois bairros. Entretanto, não há logradouro de acesso entre os bairros, a não ser uma travessa na rua do Contorno – Arduíno Bolívar – que dá acesso a “linha do trem”, a qual passa pelo São José, sendo necessário passar por outro bairro para que seja realizado o acesso. A figura 5, que é o croqui dos bairros pesquisados, nos mostra isso: os logradouros de cada um dos bairros, bem como sua localização.

2.3.1. Arduíno Bolívar

Arduíno Bolívar, atualmente é considerado um bairro “fechado”, já que tem uma rua que delimita toda a localidade e a entrada do mesmo somente pode ser realizada por uma rua. De acordo com a delimitação feita pela Prefeitura, os seguintes logradouros pertencem ao bairro: rua do Contorno, Santo André, São Francisco, São Judas Tadeu, São Mateus, São Paulo, São Thiago, São Tomé e Boa Vista. Entretanto, o último logradouro citado não foi encontrado. Assim, de acordo com observações de campo, os logradouros do bairro são constituídos pelas oito primeiras ruas citadas e a praça Espírito Santo, que não se encontra no cadastro da Prefeitura⁵ (figura 5).

⁵ Além disso, uma parte da rua São Thiago recebe o nome de Travessa São Thiago, sendo considerado mais um logradouro do bairro. Há ainda no bairro uma rua que não tem nome, a qual liga as ruas São Paulo e Santo André. Nenhuma residência tem sua entrada nessa rua e o ponto final do ônibus é nela. Há também uma travessa que se inicia na rua do Contorno e dá acesso à linha do trem, a qual vai até o bairro São José. Essa travessa também não possui nome.

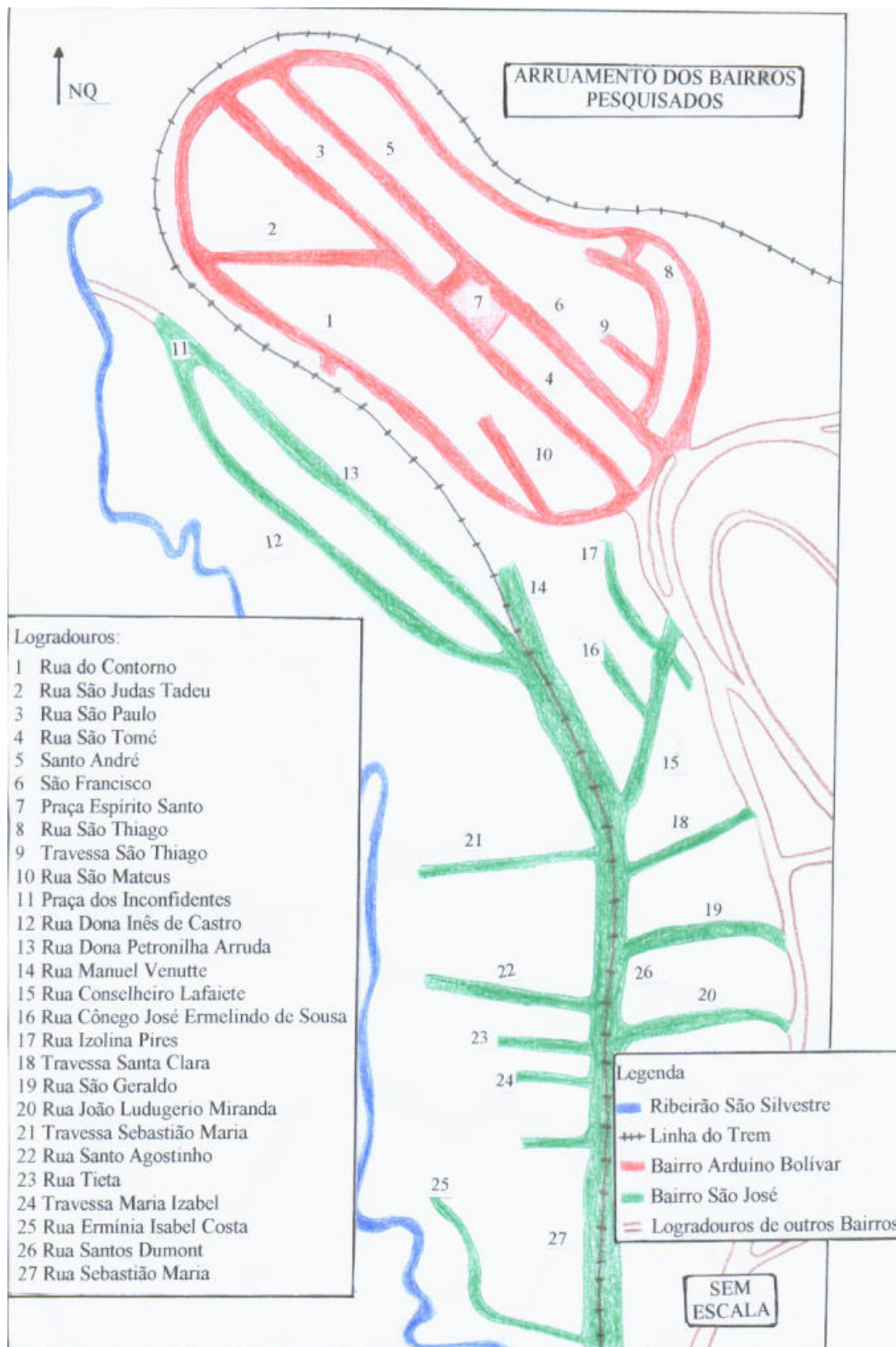


FIGURA 5 – Croqui dos bairros pesquisados – 2006

Fonte: Arruamento realizado pela Secretaria de Obras da Prefeitura Municipal de Viçosa, 2000.

Alterações observadas em campo, 2006. Elaboração da autora (2006).

Neste bairro todas as ruas são calçadas, sendo que apenas uma parte da rua do Contorno não tem esse calçamento, porque desmoronou (figura 6). O bairro apresenta uma estrutura centralizada, com uma praça que se localiza no centro.



FIGURA 6 – Parte da rua do Contorno que desmoronou – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)

Há placas com a nomenclatura em todas as ruas, somente na praça Espírito Santo não há essa placa. Os estabelecimentos comerciais existentes na Praça estão registrados na Prefeitura na rua São Francisco.

De acordo com dados da Prefeitura e observação de campo, constatamos que no bairro há duas ruas asfaltadas sendo elas a São Tomé (figura 7) e a São Paulo (figura 8), seis ruas calçadas (figura 9) e a rua do Contorno, que possui partes calçadas e partes de terra, além da parte que desmoronou. Há, também, segundo dados da prefeitura e observação de campo, uma média de 10 estabelecimentos comerciais, além de algumas lojas fechadas. Esses estabelecimentos são, no geral, salões de beleza, bares e mercearia. No bairro encontramos três telefones públicos, sendo dois na rua do Contorno e um na praça. Encontramos, também, poucos locais de escoamento de água pluvial sendo que eles se localizam somente na rua do Contorno.

Há ainda no bairro a escola Municipal Nossa Senhora de Fátima, a Creche Santa Teresinha, a Igreja Congregação Cristã no Brasil, a Igreja Evangélica Assembléia de Deus, a Igreja Cristã Maranata e a Igreja Católica Nossa Senhora Aparecida. A escola municipal Nossa Senhora de Fátima (figura 10) oferece Ensino Fundamental completo e a creche Santa Teresinha atende crianças com idade entre dois e cinco anos. A creche

possui convênio com a Prefeitura, a qual arca com parte das despesas. No mais, a creche é mantida por meio de doações, bingos e festas, promovidos pela própria comunidade⁶.



FIGURA 7 – Rua São Tomé – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)



FIGURA 8 – Rua São Paulo – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)

O bairro é pouco arborizado, com exceção da praça (figura 11), onde encontramos árvores. Desconsiderando a praça, encontramos árvores em poucos lugares. Há lixo espalhado em algumas ruas e pouca sinalização, no entanto o tráfego de veículos é reduzido.

⁶ A creche é também ajudada pela Igreja e pela Sociedade São Vicente de Paulo.



FIGURA 9 – Rua Santo André: rua calçada no bairro Arduíno Bolívar – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)



FIGURA 10 – Escola Municipal Nossa Senhora de Fátima – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)



FIGURA 11 – Praça Espírito Santo – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)

Com base nas entrevistas dirigidas aos moradores, observamos que o serviço de abastecimento de água da rua atende aos mesmos, já que eles possuem água encanada até dentro de casa. Em apenas uma residência, dentre as visitadas, não encontramos caixa d'água. Vale ressaltar que todos os entrevistados afirmaram ter esgoto sanitário ligado à rede fluvial, com encanamento completo. Machado Martins afirma que quase todos os moradores possuem saneamento básico, com exceção de duas famílias que tem cisterna e fossa. São famílias mais carentes e que optaram por não ter água da rua e rede de esgoto ligado a rede fluvial. Cabe ressaltar que, assim como ocorre em toda a cidade, não há tratamento de esgoto.

Em todas as residências pesquisadas há energia elétrica fornecida pela companhia de energia do estado.

A coleta de lixo é realizada diariamente, apesar de não ocorrer em todas as ruas, com exceção nos finais de semana e feriados. Nas ruas São Thiago, São Judas Tadeu São Mateus e parte do Contorno, o caminhão não passa em alguns pontos e apenas uma pessoa com um carrinho de porta em porta recolhe o lixo. Em outros pontos do bairro, os próprios moradores levam seu lixo até os pontos de coleta. Cabe lembrar que não há caixas coletoras de lixo no bairro, sendo que o mesmo é depositado no chão.

Marcelo Machado Martins nos relatou, durante a entrevista, algumas questões relacionadas ao serviço de infra-estrutura do bairro. Este declarou que a coleta do lixo é feita por meio de caminhão, de segunda a sábado, no horário entre 14:30 e 15:00.⁷ Há um funcionário da prefeitura que varre a área central do bairro – A praça e as ruas São Tomé, São Francisco, Santo André e São Paulo – e parte das demais ruas.⁸

Com relação à criminalidade, o entrevistado afirma que os crimes não são frequentes no bairro. Colocou o entrevistado, que desde a criação do mesmo, só tomou conhecimento de quatro homicídios. No entanto aponta que ocorrem alguns roubos em residências, mas nada que seja muito preocupante. Para ele, os moradores do bairro enfrentam problemas com relação às drogas. Afirma que existe até por meio de migração de bandidos de outras localidades para o bairro. Como o bairro tem uma praça onde se reúnem muitos jovens, esta tem se tornado ponto de comercialização de drogas.

⁷ O caminhão não passa em todas as ruas, pois algumas possuem acesso muito difícil. Em alguns casos, os moradores carregam o lixo e levam até os pontos de coleta.

⁸ Geralmente as ruas São Thiago e grande parte da rua do Contorno ficam sem limpeza, devido, de acordo com o entrevistado, a dificuldade de acesso.

Argumenta o entrevistado que as autoridades têm conhecimento desse fato, mas não encontram forma de punir tal infração. Nesse sentido, o entrevistado afirma que uma das preocupações da comunidade se refere à segurança. Entretanto, para ele, esse é hoje um problema muito difícil de resolver, porque ocorre em vários locais.

Após essa caracterização dos aspectos do bairro, bem como de sua infraestrutura, consideramos que há sérios problemas no mesmo. O número de telefones públicos é muito pequeno para atender toda população, os estabelecimentos comerciais são restritos, não há escola para todos os níveis de ensino, já que a do bairro oferece apenas ensino fundamental e não há área de lazer.

Essas características apontam para o que já era esperado: trata-se de um bairro formado a partir do processo de segregação e que ainda hoje revela características de tal processo, não possuindo infra-estrutura necessária para atender a população. Ainda não há pavimentação em todas as ruas, rede de drenagem pluvial, acesso a educação e emprego, dentre outros fatores.

2.3.2. São José

Atualmente, o bairro São José (figura 12), comparado com o Arduíno Bolívar, é relativamente grande, cortado por uma rua principal. De um lado dessa rua há várias travessas e ruas sem saída e, de outro lado, várias ruas que dão acesso a Avenida José Lopes de Castro, a qual os moradores chamam de “asfalto”⁹ (figura 5). A rua principal e as ruas sem saída constituem a parte baixa do bairro, sendo um local aplainado. Já as ruas que dão acesso ao “asfalto”, estão localizadas na parte alta do bairro, algumas, inclusive apresentando trechos íngremes (figura 13).

Algumas ruas do bairro ainda são de terra (figura 14) e outras são calçadas e em algumas o calçamento é recente. Nenhuma rua é asfaltada e no bairro não há faixa de pedestre, nem quebra-molas. Nas placas de sinalização encontradas, estão os nomes das ruas e a indicação de ponto de ônibus.

De acordo com o cadastro da Prefeitura, os seguintes logradouros pertencem ao bairro: rua São Geraldo, João Ludugério Miranda, Conselheiro Lafaiete, Antonio Pinto Leão, Isolina Pires, Manuel Venutte, Santos Dumont, Travessa Santa Clara, Dona Inês

⁹ Já pertencente ao bairro Nova Era.

de Castro, Dona Petronilha Arruda, José Wenceslau de Arruda, Travessa Maria Izabel, Beco Santo Agostinho, Travessa Sebastião Maria, Sebastião Maria, Tieta, Aristeu Fernandes, Cônego José Ermelindo de Sousa e Ermínia Isabel Costa (figura 5).

Durante as observações de campo, não foram encontradas as ruas Antônio Pinto Leão, José Wenceslau de Arruda e Aristeu Fernandes¹⁰. Há uma travessa sem nome que dá acesso a rua Sebastião Maria e aparentemente a sua saída é no terreno de uma casa localizada na rua Ermínia Isabel Costa. Tal logradouro é utilizado pelos moradores para facilitar o acesso a rua Sebastião Maria. Há também uma praça que recebe o nome de Praça dos Inconfidentes (figura 15).



FIGURA 12 – Vista parcial do bairro São José – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)



FIGURA 13 – Trecho íngreme na rua São Geraldo – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)

¹⁰ O beco Santo Agostinho recebe no bairro o nome de rua.



FIGURA 14 – Rua Ermínia Isabel Costa: rua de terra – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)



FIGURA 15 – Praça dos Inconfidentes – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)

Com base no cadastro da Prefeitura e observação de campo, constatamos que o bairro é constituído por três ruas que ainda hoje são totalmente de terra e as demais são calçadas. Há uma Igreja Evangélica Assembléia de Deus, um posto de saúde e uma creche. Aproximadamente, existem no bairro sete estabelecimentos comerciais, restringindo-se a mercearias, bares e oficinas.

No bairro não há escolas, somente a creche. De acordo com o entrevistado “a creche é uma parceria da Associação Beneficente Doutor Saraiva, que é mantenedora da creche em parceria com Associação de Moradores e com a Prefeitura. A Prefeitura sede dois funcionários – uma serviçal e uma ajudante de cozinha”. A creche é mantida por meio de doações. Algumas crianças ficam na creche o dia todo e outras meio período. As crianças fazem três refeições por dia na creche, sendo que são ao todo trinta e uma

crianças. De acordo com a entrevistada, será construída outra creche no mesmo terreno onde será construído o posto.

No que diz respeito a arborização, encontramos árvores nas ruas Sebastião Maria, Santos Dumont e Manuel Venutte (figura 16), nas demais há pouquíssimas. Constatamos que no bairro há três orelhões que estão localizados nas ruas principais.

O bairro é um pouco sujo, já que a limpeza não é realizada em todas as ruas, havendo lixo espalhado próximo às caixas coletoras, que na ocasião da visita encontravam-se muito cheias. Encontramos, ainda, algumas áreas vazias, áreas de pastagem e hortas. Não há rede de drenagem eficiente, apenas dois sumidouros: um na rua Dona Inês de Castro (figura 17) e outro na rua Tieta, sendo que este foi construído pelos próprios moradores.



FIGURA 16 – Árvores na rua Manuel Venutte – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)



FIGURA 17 – Sumidouro na rua Dona Inês de Castro – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)

A coleta de lixo é realizada diariamente, com exceção nos finais de semana e feriados. Entretanto, o lixo não é coletado na porta de todas as casas. O caminhão que coleta o lixo circula apenas na rua principal e nas que são o itinerário do ônibus. Nas demais ruas, os moradores depositam o lixo nas caixas coletoras (figura 18). Muitos entrevistados afirmaram que essas caixas não são suficientes e que animais mexem nelas, espalhando o lixo. Apenas 11,1% dos entrevistados afirmaram que as caixas coletoras são suficientes.



FIGURA 18 – Caixa coletora na rua Sebastião Maria – 2006

Autora: ANTUNES, E.P. (2006)

Com base nas entrevistas dirigidas à população do bairro, observamos que em todas as residências nas quais foi realizada a pesquisa, há abastecimento de água, com encanamento até a residência. Em apenas uma existe cisterna, mas por opção dos moradores. Além disso, em todas as residências estudadas, os entrevistados afirmam possuir caixa d'água. Há também energia elétrica em todas as residências, fornecida pela companhia de energia do estado.

Todos os entrevistados possuem esgoto sanitário ligado à rede fluvial. Em duas ou três residências, nas quais não foi feita a pesquisa, fomos informados, pelo vice presidente da Associação, de que existe uma parte da rede de esgoto que está faltando, sendo que este escorre pelo quintal e é lançado diretamente no rio, provocando mau cheiro e indisposição principalmente para os vizinhos. De acordo com Joubert Rodrigues, faltam no bairro aproximadamente 300m de rede de esgoto, que irão atender algumas casas do lado de baixo da rua Sebastião Maria. Além disso, afirmou que o

esgoto dessas casas é jogado direto no ribeirão. Acrescenta que alguns moradores ainda têm cisterna para captação de água, mas é por opção, pois todos que querem ter água da rua podem ter.

Francisca Pereira da Cruz e Jean Joubert Rodrigues, afirmam que ultimamente há ocorrência de crimes no bairro, sendo que não há policiamento no mesmo. Eles relatam que antes o bairro era tranquilo, agora ocorrem alguns roubos e homicídios, mas não com muita frequência. Joubert Rodrigues afirma que: “De modo geral aqui é considerado um bairro violento. A fama aqui é pesada. O bairro tem um histórico complicado, tinha uma galerinha que aprontava muito aqui e aí ganhou fama. A escola do Amoras fechou a noite por causa de uma gang que agia aqui”.

Relata o entrevistado que o bairro enfrenta problemas quando chove. “estamos em uma baixada. Desce enxurrada de tudo para cá. A minha rua, travessa Sebastião Maria, vira um rio. Converte a água toda e tampa a rua dos dois lados”.

Com relação a concreteira – MBC, e a indústria de alimentos – Pif Paf, existentes no bairro, o vice-presidente da Associação afirma que a primeira emprega algumas pessoas, mas a MBC não. As duas são filiais, com matriz na cidade de Rio Branco¹¹.

Neste bairro observamos que faltam equipamentos de infra-estrutura essenciais a vida das pessoas, além de apresentar sérios problemas com relação à drenagem pluvial, já que não há uma rede. Ainda há ruas de terra e nenhuma é asfaltada, sendo que o calçamento está danificado em muitas. A localidade também apresenta poucos telefones públicos e o comércio é bastante restrito, além de não ter áreas de lazer e escolas suficientes para atender a demanda dos jovens que querem realizar o ensino médio. Com relação a circulação, cabe assinalar que os horários dos ônibus são também restritos. Esses aspectos reforçam a hipótese inicial de que as pessoas que residem neste bairro são prejudicadas desde o processo de formação do mesmo, por não ter acesso a todos equipamentos e bens urbanos.

¹¹ A Pif Paf tem aproximadamente 200 funcionários e, segundo o entrevistado, dá preferência para as pessoas que moram na vizinhança. A concreteira tem aproximadamente oito funcionários, sendo que a maioria é proveniente de Rio Branco.

3. OS MORADORES DOS BAIRROS E SEU PERFIL SOCIOECONÔMICO

Neste capítulo serão analisados os dados e informações obtidos em campo, por meio de entrevistas, observações na área e documentos oficiais. Será analisado o perfil das pessoas do bairro, com o intuito de identificar o seu padrão socioeconômico. Por meio desse mapeamento, buscamos também entender como os moradores se relacionam com o espaço no qual estão inseridos.

De maneira geral, encontramos nos bairros pesquisados, aspectos distintos, sendo averiguada uma estrutura centralizada em Arduíno Bolívar, que se refere ao papel destacado que a praça e os principais eixos têm na organização do seu espaço. Este e outros aspectos indicam que existem diferenças externas e internas nas referidas localidades que refletem também as diferenças de renda dos moradores e os diferentes níveis de segregação que vão se disseminando nos espaços urbanos.

No bairro Arduíno Bolívar há duas ruas asfaltadas e uma praça, sendo que nelas, e numa outra rua que delimita a praça, estão assentadas as famílias com maior poder aquisitivo e, também, a maior quantidade de estabelecimentos comerciais, além da escola e da creche. No caso do bairro São José, as ruas que correspondem ao itinerário do ônibus, além de concentrarem todos os estabelecimentos comerciais do bairro¹², assentam as famílias com maior renda. Nesse sentido, nos dois bairros, observamos que as reivindicações são diferenciadas em função da localização das áreas e de seu nível de precariedade.

Conforme nos indica a figura 19, no bairro Arduíno Bolívar, a maior parte dos chefes de família e das chefes de família está acima de 60 anos. Apesar do maior percentual de chefes de família ser constituído deste grupo etário, observamos que não há uma predominância muito grande, pois existe uma porcentagem significativa entre as demais faixas etárias.

Ainda em relação aos e às chefes de família, os dados do bairro São José diferem um pouco, predominando, neste caso, chefes de família na faixa de 50 a 59 anos (figura 20). Os moradores acima de 60 anos são, em sua maior parte, aposentados ou pensionistas que moram apenas com o companheiro e que, em alguns casos, mudou-se para Viçosa em busca de tratamento médico ou porque queriam sair da roça.

¹² Correspondem às ruas com calçamento mais antigo.

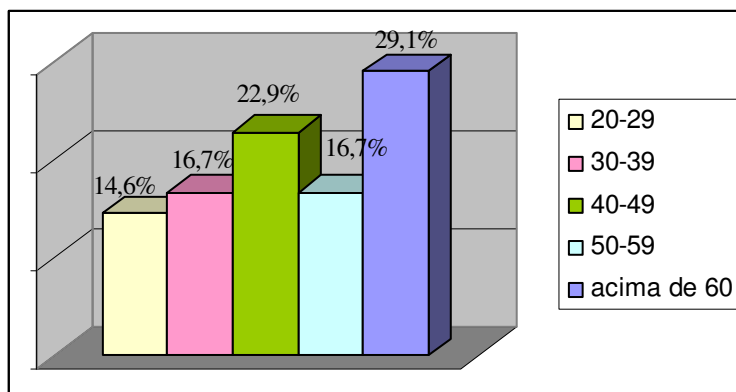


FIGURA 19 – Idade dos Chefes de Família – Arduíno Bolívar – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

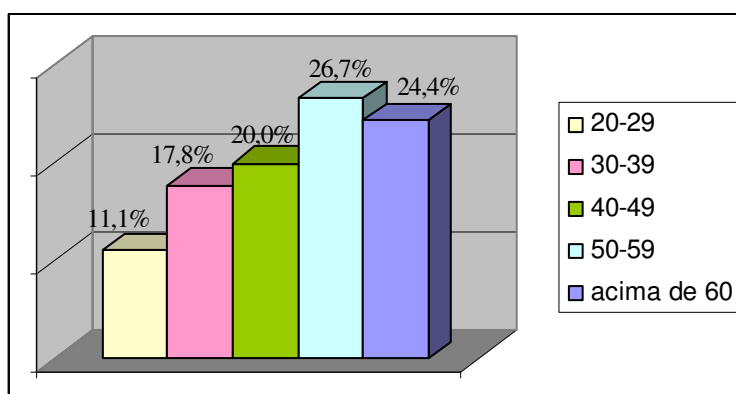


FIGURA 20 – Idade dos Chefes de Família – São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Ainda no que se refere a chefes de família, constatamos que a maior parte dos entrevistados possui ensino fundamental incompleto (figura 21)¹³. Observamos, também, que há mais analfabetos nos bairros do que pessoas com o ensino médio completo e incompleto. Além disso, nenhum dos chefes de família entrevistados apresenta formação de nível superior, mesmo que incompleta. Tais dados retratam que a população dos referidos bairros apresenta baixa escolaridade, o que resulta, em muitos casos, em remunerações baixas, além de revelar um dos aspectos da segregação: a dificuldade de acesso ao ensino e, por conseguinte ao emprego e renda. Este processo, conforme veremos mais adiante, é visível no bairro, quando se verifica o elevado percentual de moradores sem emprego ou exercendo atividades informais.

¹³ Constatamos também que a maioria cursou até a quarta série, ou seja, cursaram apenas as séries iniciais.

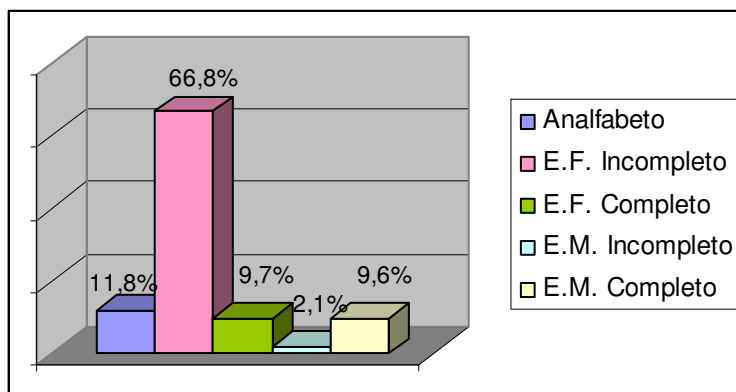


FIGURA 21 – Grau de Instrução de Chefes de Família – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Com relação ao nível de escolaridade dos moradores entre 6 e 14 anos, observamos que todos neste grupo freqüentam escola. Vale ressaltar que em algumas residências encontramos jovens que terminaram o ensino fundamental e pararam de estudar.¹⁴

De acordo com os dados da figura 22, no bairro Arduíno Bolívar foram encontrados um total de 43 estudantes, sendo que em 22 residências, ou seja, em 45,8% das mesmas ninguém estudava no momento da entrevista, sendo que em nenhuma destas encontramos pessoas em idade escolar. Em São José constatamos que de um total de 49 estudantes em 16 residências – 35,5%, não há estudante no momento, sendo que em nenhuma destas, da mesma forma que no Arduíno Bolívar, encontramos pessoas em idade escolar (figura 23). Cabe ressaltar que nenhum dos entrevistados deste bairro estava estudando no mesmo, porque nele não há escolas.¹⁵

No bairro Arduíno Bolívar constatamos que a maior parte dos moradores estuda no próprio bairro, já que nele há uma creche e uma escola de ensino fundamental, embora um percentual de 32,6% estude no centro. A maior parte dos alunos que estudam no centro está no ensino médio, já que no bairro não é oferecido este nível de ensino. Também existem casos de moradores que freqüentam cursinhos pré-vestibular ou, ainda, como é o caso de um dos entrevistados, que estuda na Universidade, sendo

¹⁴ Além disso, verificamos casos de jovens que freqüentam escola, mas que estão fora da faixa etária considerada ideal para a série.

¹⁵ Alguns entrevistados deste bairro, afirmaram freqüentar a escola ou a creche do bairro Arduíno Bolívar, por isso este dado foi analisado separadamente.

que este não é chefe de família. Vale lembrar que alguns alunos do ensino fundamental estudam também no centro ou no bairro Nova Era, que se localiza próximo a Arduíno Bolívar, porque, segundo eles, preferem estudar em escolas estaduais, pois, como foi apontado pelo presidente da Associação, Machado Martins, a escola municipal enfrenta muitos problemas.

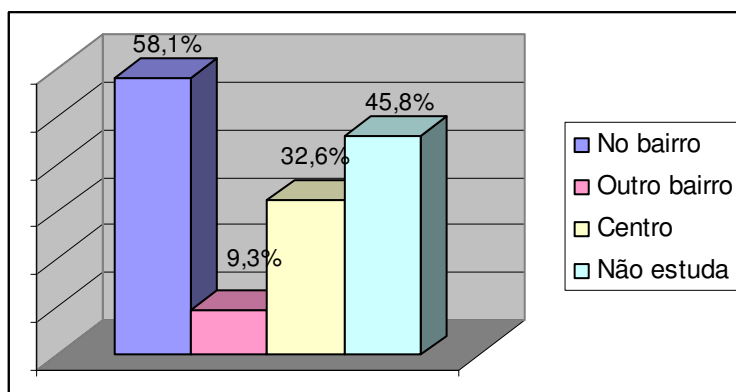


FIGURA 22 – Locais onde os entrevistados estudam – Arduíno Bolívar – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

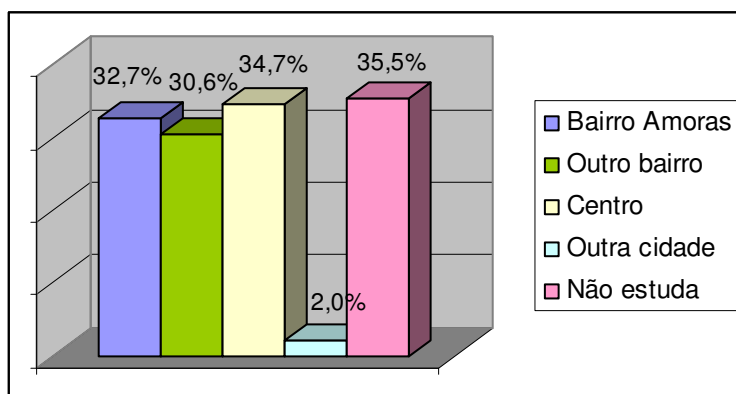


FIGURA 23 – Locais onde os entrevistados estudam – São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Ainda no que se refere à educação, observamos que a maioria dos entrevistados, mais de 80%, declara obter informação assistindo televisão, embora muitos afirmem que utilizam mais de um meio de informação¹⁶. Chamamos a atenção para o percentual de 9% de pessoas que declararam se informar por meio de conversas com vizinhos. São

¹⁶ Em apenas uma residência pesquisada, o entrevistado afirmou ter acesso a revistas e, em outra, a internet.

moradores que, geralmente, não tem televisão ou rádio, e conversam com vizinhos ou afirmam que “ficam sabendo das notícias” na Igreja que freqüentam. Isso representa um restrito acesso aos meios de informação.

Analisando os dois bairros, observamos que existe precariedade no que se refere à oferta de ensino. Em primeiro lugar, destacamos que no São José não há escolas e que, no Arduíno Bolívar, há apenas o ensino fundamental. É necessário considerar, também, que a escola do Arduíno Bolívar possui sérios problemas com relação ao seu espaço físico: as salas são poucas e muito pequenas e não há espaço para prática de Educação Física¹⁷. Nesse sentido, constatamos que a escola somente consegue atender a demanda de estudantes do bairro devido ao fato de, como afirma o presidente da Associação, muitas crianças do bairro procurarem outras escolas. Ou seja, se todas as crianças do bairro tivessem interesse de estudar nesta escola, ela não teria capacidade de atender a todas.

A dificuldade de acesso à educação, conforme apresentado no primeiro capítulo, constitui-se numa das características do processo de segregação e que reflete a precariedade ou inexistência de serviços públicos. No caso em questão, para que ainda hoje a população tenha acesso ao ensino médio ou a outros cursos, precisa deslocar-se para o centro, pois o bairro não oferta tal serviço.

Quanto à ocupação dos residentes, encontramos de um total de 48 residências no Arduíno Bolívar, 54 pessoas que estão trabalhando no momento. Ao analisarmos o local onde esses entrevistados trabalham (figura 24), constatamos que quase metade dos trabalhadores tem que se deslocar para o centro e que apenas 9,3% trabalham no próprio bairro¹⁸. Dentre os entrevistados que trabalham, 13% disseram que não possuem lugar definido de trabalho, pois são comerciantes que vendem de porta em porta, isto é, fazem “bicos”, como entregadores ou pedreiros.

Em São José, dentre as 45 residências pesquisadas, encontramos também um total de 54 pessoas que estão trabalhando no momento, sendo que em 22,2%, ou seja, em 10 residências não há ninguém exercendo qualquer atividade remunerada. Ao perguntarmos sobre qual o local de trabalho dessas pessoas, constatamos que quase 60% trabalham no centro e 11,1% no próprio bairro (figura 25). É importante lembrar que

¹⁷ Em função disso, a atividade é realizada na rua.

¹⁸ Os quais geralmente são comerciantes.

dentre os que afirmaram trabalhar no bairro, alguns disseram ser funcionários da Pif Paf, empresa que está localizada no bairro Boa Vista.

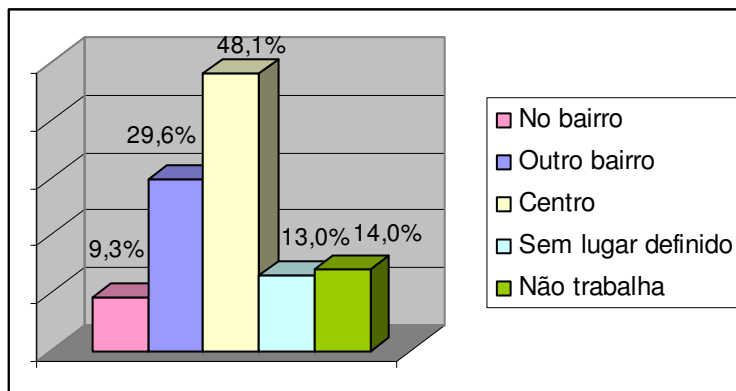


FIGURA 24 – Bairros onde os entrevistados trabalham – Arduíno Bolívar – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

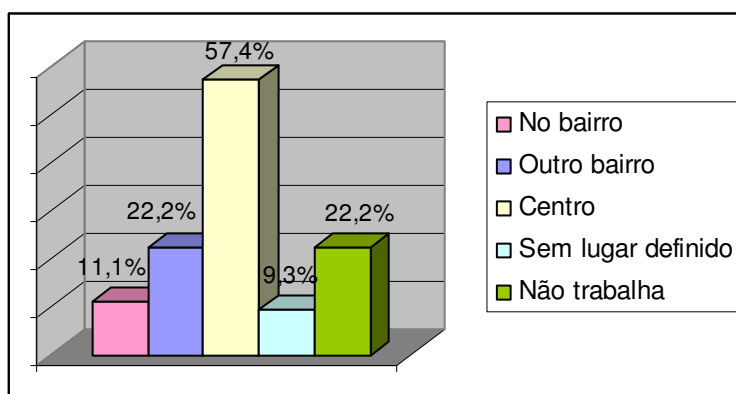


FIGURA 25 – Bairros onde os entrevistados trabalham – São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Ainda com base nos dados e informações referentes aos locais onde os entrevistados trabalham, constatamos que em São José é um pouco maior a quantidade dos que afirmam trabalhar no próprio bairro, com relação ao Arduíno Bolívar, entretanto, a maior parte destes trabalhadores trabalha na Pif Paf, que se localiza em outro bairro. O reduzido número de pessoas que trabalham no próprio bairro e o percentual significativo dos que não possuem lugar definido ou não trabalham são mais um exemplo do processo de segregação espacial, já que, retomando as idéias de Bitoun e Miranda (2004), a segregação é revelada por meio do acesso restrito a emprego e renda.

Assim, somando o total de pessoas desempregadas e associando com aquelas que fazem “bico”, ou seja, pessoas que estão inseridas no mercado informal, podemos constatar que a dificuldade de acesso a empregos formais é grande na localidade, o que demonstra que os bairros são exemplos significativos do processo de segregação socioespacial.

Ilustrando ainda mais este processo, os dados levantados revelam que no bairro Arduíno Bolívar 79,2% dos entrevistados considera a oferta de emprego insatisfatória, declarando que no mesmo não há nada para fazer. Em São José, o percentual de insatisfeitos é 88%.¹⁹

A mesma opinião expressada no que se refere à oferta de emprego no bairro, foi constatada no que se refere à maneira como os entrevistados consideram a oferta de emprego em Viçosa, relatando que esta também é insatisfatória (figura 26). Apenas 2% consideram satisfatória ou regular e o percentual dos que não sabem, se refere geralmente a aposentados ou pensionistas, que não buscam emprego em Viçosa.

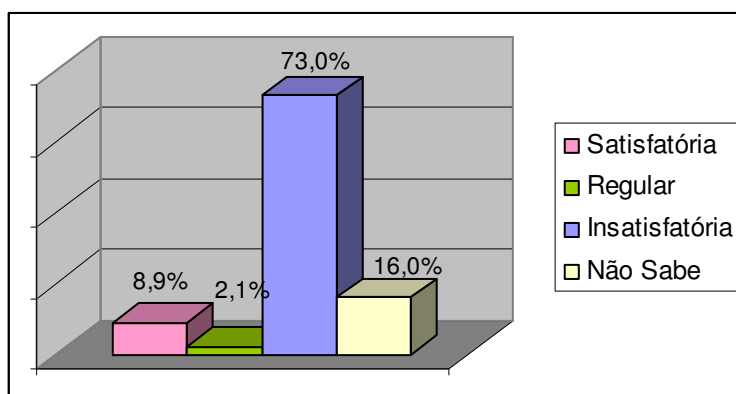


FIGURA 26 – Como os entrevistados consideram a oferta de emprego em Viçosa - Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Os dados, referentes à oferta de emprego em Viçosa e no bairro demonstram a insatisfação da maior parte dos entrevistados. Para eles, até que é possível arrumar um trabalho, mas dificilmente será bem remunerado e naquilo que realmente deseja

¹⁹ Os que afirmam ser satisfatória ou regular a oferta de emprego - 2% - tem esta opinião devido a presença da Pif Paf, mas, como já foi anteriormente ressaltado, a Pif Paf não se localiza no bairro. Os que afirmam que não sabem, são, em sua maioria, os aposentados e pensionistas que não procuram emprego em Viçosa.

trabalhar. Verificamos muitos trabalhadores por conta própria, como vendedores ambulantes e pequenos estabelecimentos em suas próprias residências²⁰.

Cabe ressaltar que o percentual de residências nas quais ninguém trabalha no momento, que foi de 29,2%, ou seja, 14 residências, no caso de Arduíno Bolívar e de 22,2%, ou 10 residências, em São José, a renda dessas famílias é constituída das aposentadorias e pensões, ou não há renda no momento, no caso de desempregados. O total de pensionistas é de 21,4% no Arduíno Bolívar e 30% no São José. 50% são aposentados no Arduíno Bolívar e 40% no São José. O restante representa residências onde ninguém trabalha no momento, ou seja, todos os moradores estão desempregados e não ha renda.

No caso do Arduíno Bolívar, em 8,3% das residências, ou seja, em 4, os moradores não declararam nenhuma forma de renda, ou seja, ninguém recebe benefício ou está trabalhando no momento. Em São José das 10 residências pesquisadas, há um percentual de 6,7%, isto é, 3 casas onde também não foi declarada nenhuma forma de renda.

É imprescindível ressaltar que o número total de desempregados é maior do que o percentual apresentado acima, já que este se refere ao número de residências nas quais não foi declarada nenhuma forma de renda. No entanto, encontramos casos em que há pelo menos um membro da família sem trabalho.

A dificuldade de acesso ao emprego e a quantidade de desempregados reflete-se na renda das famílias entrevistadas. Conforme podemos notar a partir dos dados das figuras 27 e 28, mais da metade dos entrevistados, afirma receber entre 1 e 2 salários mínimos, sendo que destes a maioria recebe apenas um. Em quase 15% das residências, a renda familiar no momento é de menos de um salário mínimo, sendo que em algumas dessas não há renda alguma no momento. Os dados também demonstram que a minoria afirma ter renda familiar acima de 4 salários. Além disso, a maior parte dos entrevistados que afirmou ter renda acima de 3 salários, é constituída pelas famílias nas quais a maioria dos membros exercem alguma atividade remunerada²¹.

²⁰ Tais como salões de beleza e bares, os quais empregam somente os donos.

²¹ Verificamos nestes dados que dificilmente existem casos em que apenas o chefe da família consegue somar renda familiar nesse valor.

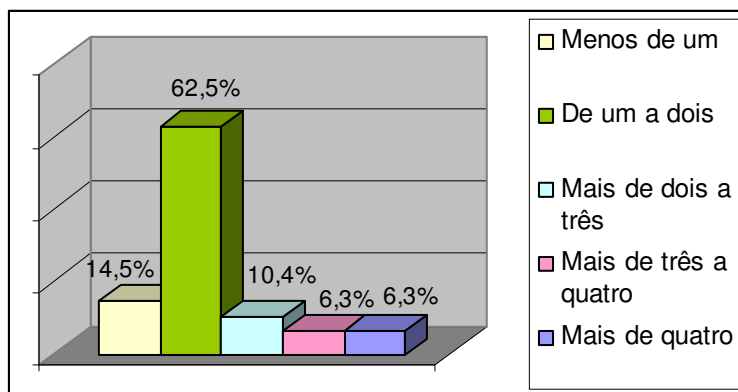


FIGURA 27 – Renda total da família dos entrevistados – Arduíno Bolívar – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

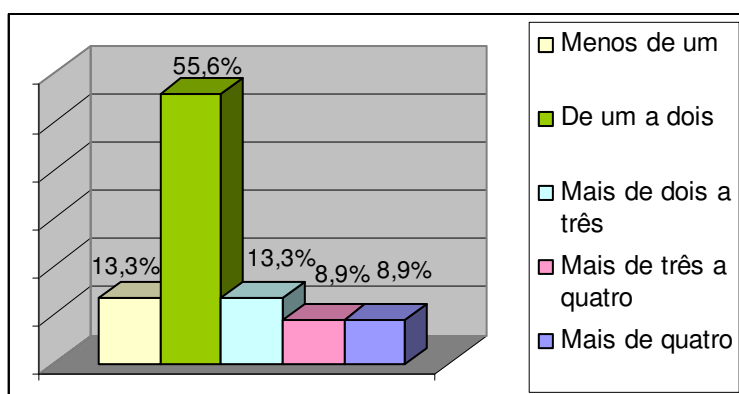


FIGURA 28 – Renda total da família dos entrevistados – São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Um outro aspecto indicador da pobreza²² nas localidades pode ser apreciado na tabela 1, que identifica os equipamentos encontrados nas residências. Conforme podemos notar, em apenas duas das residências pesquisadas em Arduíno Bolívar e uma no São José, não há fogão a gás. Em quase 90% das casas há geladeira e televisão e em menos de 15% há automóvel.

Os dados levantados indicam que na maioria das residências há os equipamentos essenciais, como fogão e geladeira. Mesmo assim em algumas residências esses equipamentos não foram encontrados, representando quase 5% no caso do fogão e, aproximadamente, 15% com relação à geladeira. Vale lembrar que em nenhuma das residências há empregada doméstica.

²² Consideramos como aspectos da pobreza baixa renda, baixa escolaridade, dificuldade de emprego e moradia, aquisição apenas de bens essenciais, dentre outros.

TABELA 1 – Equipamentos encontrados nas residências em Arduíno Bolívar e São José – 2006

Equipamentos	(%)
Fogão a gás	96,8
Fogão a lenha	28,1
Geladeira	86
Televisão	86
Rádio	82,8
Banheiro	97,9
Máquina de lavar roupa	21
Tanquinho	19,2
Automóvel	11,8
Moto	6,6

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Ao analisarmos os dados que foram debatidos acima sobre acesso a renda, escolas, emprego, bem como a opinião dos moradores sobre a oferta desses, observamos que o acesso aos bens urbanos e aos equipamentos de infra-estrutura é limitado para a população dos bairros em questão. A maioria não trabalha no bairro em que reside e uma grande parte precisa deslocar-se até o centro para estudar. Os serviços de saúde e o acesso ao lazer também são precários.

Essas características revelam segregação socioespacial, identificada, também, por meio da luta por parte dos moradores em busca de melhorias. Tal luta é melhor debatida no próximo item, quando analisamos as reivindicações dos mesmos, bem como suas conquistas.

4. A SEGREGAÇÃO SOCIOESPACIAL REVELADA NAS REIVINDICAÇÕES DOS MORADORES

As características relacionadas à segregação, referem-se ao fato de os bairros, apesar de antigos, ainda hoje serem alijados em termos de política pública. Nesse sentido, discutiremos neste capítulo, as principais reivindicações dos moradores com base nas entrevistas realizadas com moradores e lideranças comunitárias, bem como na observação de campo. Iremos apresentar, também, algumas das conquistas da população dos referidos bairros. Começaremos expondo o histórico das Associações de Moradores dos Bairros, como as mesmas se constituíram e desde quando existem.

4.1. As organizações comunitárias

4.1.1. Associação de Moradores do Bairro Arduíno Bolívar

A Associação de Moradores foi criada no dia 25 de maio de 1983, tendo como presidente nomeado Antônio Rezende. O primeiro presidente eleito por meio de votação foi Cristiano Paiva, em 1987. A Associação começou com um grupo que participava da construção da Igreja na localidade, mas as pessoas consideraram que seria melhor uma Associação para realização de festas e eventos. Além disso, este grupo acreditava que com uma Associação seria mais fácil conseguir benefícios para o bairro, como saneamento básico, pavimentação e iluminação. Para Marcelo Machado Martins²³, a finalidade da Associação era: “ter mais força e buscar mais recursos para o bairro ter urbanização completa”.

De acordo com o entrevistado, qualquer morador do bairro pode se candidatar aos cargos existentes na Associação, bastando, para isso, inscrever-se na UMAM (União Municipal de Associação de Moradores). Os cargos são: presidente e vice, primeiro e segundo tesoureiro, primeiro e segundo secretário e o conselho fiscal. Todas as pessoas que possuem imóvel no Bairro podem votar.

²³ Ele é presidente da Associação desde 15 de novembro de 2005. Na eleição de 2004, foi eleito vice-presidente. Entretanto, o presidente precisou renunciar ao cargo e ele assumiu em novembro de 2005. Cabe ressaltar que seu mandato será até o final deste ano.

Ainda segundo o entrevistado, não são realizadas reuniões entre os membros da Associação com frequência, além de a participação ser restrita. Também disse que quando as reuniões ocorrem, são geralmente realizadas com a presença de algum secretário ou com o próprio prefeito. Machado Martins argumenta que: “Nós não achamos interessante fazer reunião com a comunidade porque a comunidade quando faz reunião com o secretário acaba por colocar assunto que não tem a ver com a Associação. Então preferimos somente a Associação fazer reunião com secretário e prefeito”.

Para Machado Martins, as reuniões entre os membros da Associação não são necessárias porque, após as eleições, somente o presidente fica responsável por reivindicar melhorias para o bairro. Dessa forma, quando alguém tem alguma reivindicação, comunica diretamente a ele. Por sua vez, ele disse que sua função era de levar a reivindicação até as autoridades. Afirmou ainda que, normalmente, a participação popular e a de outros membros da Associação, ocorrem somente quando há alguma festa ou bingo.

4.1.2. Associação de Moradores do Bairro São José

De acordo com Francisca Pereira da Cruz, presidente da Associação e Jean Joubert Rodrigues, vice, a Associação de Moradores do Bairro São José foi criada em 24 de agosto de 1989. Pereira da Cruz relata: “antes não tinha Associação, eu trabalhava aqui como líder. Depois teve um programa de fornecer leite para criançada e uma mulher me disse que era melhor fundar Associação para conseguir doação de leite para as crianças daqui também [...] Foi feito o estatuto e fundamos a Associação. Quem ganhou a eleição foi o filho do Sebastião Maria, só que ele começou mal a administração e os mesmos que votaram nele resolveram tirá-lo. Aí me perguntaram se eu aceitaria ser líder e eu aceitei. Comecei a trabalhar e foi indo”.

Desde a fundação da Associação, a entrevistada participa da mesma, sendo presidente por várias vezes. Segundo ela: “tiveram poucos presidentes, mais fui eu mesma. Eu mesma nem sei quantas vezes fui presidente”.

Francisca define da seguinte forma a finalidade da Associação: “é para reivindicar as coisas para o bairro junto a Prefeitura, deputado, vereador. A gente corre

atrás de todo mundo. Promover alguma coisa no bairro. A Associação sempre promove festa das mães, das crianças, festa junina. Na festa das mães faz um bolo de 50 quilos que é repartido na rua para todo mundo”.²⁴

Os cargos da Associação são: presidente e vice, primeiro e segundo secretário, primeiro e segundo tesoureiro, três conselheiros fiscais efetivos e três suplentes.

As reuniões são realizadas sempre que se justifica sua necessidade. Toda a comunidade é convocada e a reunião é realizada no lugar que couber as pessoas: ou na creche, na laje de alguém ou na rua, pois não há centro comunitário. Antes de reunir com a comunidade, os membros participantes da Associação se reúnem. Este ano já ocorreram duas reuniões, segundo relato da presidente.

Como o bairro é muito grande, a participação popular é um pouco complicada, mas Jean Joubert Rodrigues acredita que ela tem melhorado bastante.

Os entrevistados afirmam que a Associação sempre encaminha reivindicações para a Prefeitura e como a presidente tem contato com o prefeito – ela foi candidata a vereadora, apoiando-o – eles afirmam que “a gente fala direto com ele”.

4.2. O que deve melhorar na opinião dos moradores

Várias são as características em comum nos dois bairros pesquisados, sendo poucos os aspectos divergentes. Conforme já apresentamos, de uma maneira geral, são bairros constituídos por população de baixa renda que migrou para os mesmos em busca da casa própria e de melhores condições de vida. Tal processo ocorreu principalmente na época em que a Universidade foi federalizada. As precárias condições de infraestrutura que prevaleciam na sua época de criação, ainda persistem, muito embora, em função das reivindicações dos moradores e da limitada alocação de serviços no bairro, realizada por governos populistas, o quadro melhorou nesses últimos 30 anos, mas ainda não pode ser considerado satisfatório.

Assim, apesar dos problemas, dificilmente encontramos alguém que declarou ter vontade de voltar para roça, ou seja, mesmo desempregados, ou com empregos que oferecem baixa remuneração sonham em ver seus filhos estudarem. Estas declarações

²⁴ As festas são pagas com dinheiro arrecadado nas mesmas, como é o caso da festa junina, que são três dias de festa com música ao vivo.

assemelham-se com os resultados da pesquisa feita por Perlman (1977) com imigrantes que moravam em favelas no Rio de Janeiro no final da década de 1970.

Cabe ressaltar que a população desses bairros, em sua maioria originária do interior, mantém ainda traços bastante ligados ao rural. Assim é comum encontrar nos bairros roupas estendidas na rua, em lotes vagos. As pessoas costumam passar parte do tempo na rua, conversando, realizando alguma atividade. As crianças brincam na rua, até mesmo porque não há área de lazer.

Outra característica que encontramos em nosso estudo e que Perlman (1977) já havia detectado em sua pesquisa, refere-se ao fato de a maior parte dos migrantes não saber explicar ao certo porque migraram. Muitos afirmam ter migrado em busca da casa própria ou de tratamento médico, mas poucos sabem explicar o porquê de ter escolhido o bairro. Na verdade, o fato é que poucos realmente escolheram. A maioria, conforme já apresentamos, viu-se sem casa e nos bairros pesquisados encontraram a possibilidade de acesso a terra.

Com relação ao acesso limitado aos bens urbanos, outra característica da segregação, já apontada por Bitoun e Miranda (2004), comprovamos tal processo na forma e estrutura que caracteriza os bairros, quais sejam: os bairros são distantes do centro, sendo necessário utilizar ônibus e há também dificuldade de se pagar a passagem. O problema agrava-se ao constatarmos que para ter acesso a vários equipamentos, como lazer, escola, emprego, essa população precisa ir ao centro. Nos bairros não há padaria, farmácia ou supermercado, escolas de ensino médio e emprego. Devido a estes fatores, muitos entrevistados afirmaram que trabalham ou estudam no centro e não consideram que a oferta de emprego seja satisfatória.

Outro fato que comprova o pouco acesso aos equipamentos e bens urbanos, é que encontramos na maior parte das casas pesquisadas, apenas equipamentos essenciais, como fogão, geladeira e banheiro. Mesmo assim, esses bens não foram encontrados em todas as residências. Isso retrata o acesso limitado a renda, considerando que poucos entrevistados afirmaram possuir carro, bem que possui valor mais alto que os demais.

A partir desse quadro de acesso limitado a bens urbanos e a equipamentos de infra-estrutura, várias são as reivindicações dos moradores e constatamos que elas se relacionam, principalmente, ao policiamento, limpeza e coleta de lixo. Quando perguntados sobre o que acreditam que falta na rua onde moram – tabelas 2 e 3,

notamos que muitos gostariam que houvesse limpeza e pavimentação. Estes aspectos podem ser mais bem identificados com as análises que serão feitas a seguir.

TABELA 2 – O que os entrevistados de Arduíno Bolívar acreditam que falta na rua em que moram – 2006

O que falta	(%)
Limpeza	20,8
Asfalto	4,2
Pavimentação	39,6
Drenagem pluvial	4,2
Muro de contenção	8,3
Tranqüilidade	2,1
Calçadas	4,2
Cuidado	4,1
Quebra-mola	6,3

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

TABELA 3 – O que os entrevistados de São José acreditam que falta na rua em que moram – 2006

O que falta	(%)
Pavimentação	11,1
Asfalto	33,3
Recolher o lixo	4,4
Limpeza	17,8
Drenagem pluvial	4,4
Iluminação	2,1

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Com relação aos meios de transporte, outra dificuldade encontrada nos bairros periféricos, constatamos na figura 29, que o principal meio de transporte utilizado pelos moradores é o ônibus coletivo e apenas uma pequena quantidade utiliza o carro. Há um percentual considerável de pessoas que afirmam andar a pé, 11,9%, ou utilizar bicicleta 6,6%. Segundo os entrevistados a preferência em andar a pé ou de bicicleta, está relacionada ao preço das passagens, que, de acordo com os mesmos, é muito caro.

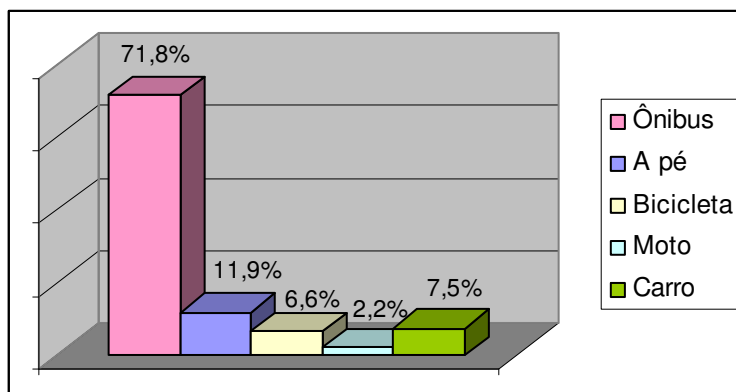


FIGURA 29 – Principal meio de transporte utilizado pelos entrevistados – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Mesmo apontando como um problema o alto preço da passagem, aproximadamente 80% dos entrevistados consideram satisfatório o transporte coletivo nos bairros, sendo que em apenas duas das residências pesquisadas, os moradores discordam dessa opinião. Indicam como satisfatórios o cumprimento dos horários estabelecidos e a quantidade de ônibus. Vale ressaltar que os moradores que afirmaram não ter opinião sobre a qualidade do transporte oferecido no bairro são aqueles que não utilizam o mesmo.

Ainda com relação ao transporte coletivo nos bairros, ele é realizado pela empresa Unida, a qual tem a concessão da prefeitura para realizar tal serviço em toda a cidade. Os ônibus passam a cada meia hora durante a semana e de uma hora em uma hora nos finais de semana e feriados, sempre das seis as vinte e três e trinta, no caso do Arduíno Bolívar.

Com relação aos locais onde os entrevistados fazem compras, constatamos que mais de 80% dos entrevistados costumam fazer compras no centro e menos de 20% afirmam comprar no próprio bairro. Dos que fazem compras no centro, declaram que têm essa preferência em função dos preços mais baratos e das promoções realizadas pelos supermercados. Os que fazem compras no bairro relatam que não fazem compras, mas sim, quando conseguem algum dinheiro, adquirem o que está faltando em casa.

Esses dados revelam a precariedade de comércio nos bairros. São poucos estabelecimentos comerciais, sendo que em nenhum dos dois há supermercado, apenas mercearia.

Quando perguntamos aos entrevistados onde costumam se divertir, a maior parte respondeu que não se diverte (figura 30). Muitos declararam que não costumam sair de casa e os que fazem, apenas se divertem quando vão comprar alguma coisa, participar de reuniões ou ir a Igreja. Dos que afirmam se divertir no bairro Arduíno Bolívar, dizem que utilizam a praça ou a rua e aqueles que se divertem em outro bairro ou na área central relatam que participam de festas ou costumam viajar para outros locais. A maior parte dos que se divertem, afirma que procura o centro, pois lá podem passear no shopping ou na praça. Há aqueles que dizem que vão ao centro para se divertirem na Igreja ou passeando na casa de parentes.

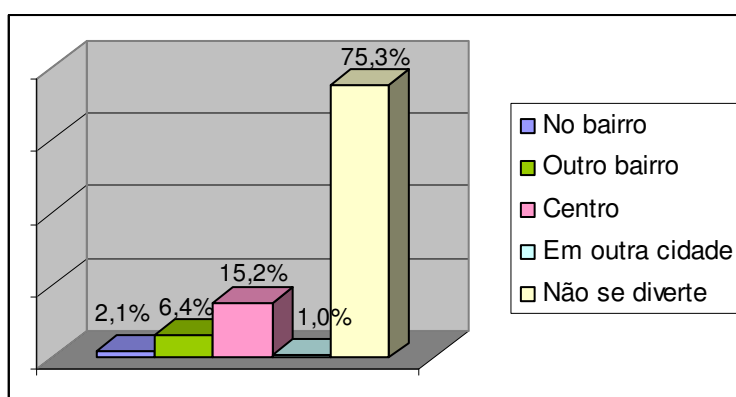


FIGURA 30 – Local onde os entrevistados se divertem – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Machado Martins considera que o lazer no bairro é restrito a praça. Declarou que tal logradouro durante a semana é utilizado pelas crianças para brincarem e nos finais de semana alguns jovens costumam utilizar o espaço para jogar baralho. Colocou ainda que não há quadra poliesportiva e que isto é uma reivindicação antiga dos moradores²⁵.

No que se refere à opinião dos moradores em relação às ruas do bairro, constatamos que há praticamente um empate dos moradores que consideram as ruas com boa infra-estrutura, daqueles que não tem a mesma opinião. A maior parte dos entrevistados considera que as ruas dos bairros são boas. Constatamos que, embora haja um alto percentual de moradores que consideram boas, este não chega a metade do total

²⁵ A quadra é muito importante também pelo fato de que os alunos da escola não têm onde fazer Educação Física. Ela é feita ou na rua ou na praça. A quadra seria utilizada tanto para prática da Educação Física, como para área de lazer e recreação.

de entrevistados, no caso do São José, e supera em pouco este percentual, em Arduíno Bolívar.

Com relação à assistência médica nos bairros, vale ressaltar a existência do Programa Saúde da Família, que atende a hipertensos e diabéticos, realizando o controle dessas doenças, embora não havendo atendimento em todas as casas. O Programa é realizado pelos funcionários do Posto, localizado no bairro São José e no bairro Boa Vista, que atende o Arduíno Bolívar. Ao perguntamos aos entrevistados onde costumavam ir quando alguém ficava doente, estes declararam – a maior parte – que recorrem ao posto (tabela 4), sendo que destes, alguns afirmaram ir primeiro ao posto e, em seguida, ao hospital²⁶.

TABELA 4 – Onde os entrevistados vão quando alguém fica doente – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Local	(%)
Posto médico (bairro)	55
Hospital (centro)	45

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Para Machado Martins, o atendimento médico é bom, mas o serviço de saúde não é suficiente para atender a demanda. Há um posto de saúde em um lugar próximo ao bairro, com apenas um médico para atender todos os moradores. Esse local é conhecido como Morro do Escorpião – bairro Nova Era – e o posto atende a Zona Rural, ao Morro do Escorpião, parte do Vau Açú e ao Arduíno Bolívar. Cabe ressaltar que o posto está instalado em construção improvisada, sem a infra-estrutura necessária²⁷.

De acordo com Pereira da Cruz e Joubert Rodrigues, presidente e vice da Associação de Moradores do Bairro São José, o serviço de saúde está melhorando no bairro a partir da implementação do Programa Saúde da Família – PSF. Declara o entrevistado que por enquanto o posto atende razoavelmente a demanda do bairro, mas

²⁶ No bairro Arduíno Bolívar, um dos entrevistados afirmou que consulta em casa, por meio do Programa. Outro entrevistado afirmou consultar na Vila Gianetti: trata-se de uma idosa que nos relatou que ela e o marido fazem parte de um Programa que oferece assistência médica na Vila.

²⁷ O posto já foi no Arduíno Bolívar, mas, como não havia nenhum imóvel com estrutura adequada, ele foi transferido para o outro bairro.

existe projeto de construção de um novo posto para melhorar atendimento e realizar exames.

A maior parte dos entrevistados considera satisfatório o atendimento médico realizado no bairro, atingindo um percentual de quase 60%, e aproximadamente 4% consideram que é ótimo (figura 31). De uma maneira geral, os entrevistados gostam do atendimento, mas gostariam que houvesse mais médicos, já que apenas um faz todo atendimento. Apontaram também o problema da escassez de fichas: há dias em que elas não são suficientes para todos que necessitam de atendimento. Outros declararam, ainda, os problemas relacionados a casos de emergência, que não são atendidos no posto.

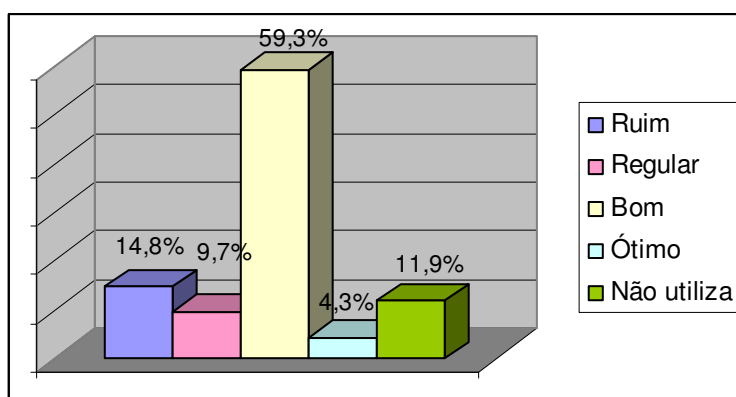


FIGURA 31 – Como os entrevistados consideram o atendimento médico no bairro – Arduíno Bolívar e São José – 2006

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Outra reivindicação dos moradores refere-se à coleta do lixo. Muitos alegam que, apesar de pagarem impostos como toda população, não tem o lixo recolhido em sua porta e a rua em que moram não é varrida pelo funcionário da Prefeitura.

Outro problema que os entrevistados reclamaram e que faz parte da realidade dos bairros é com relação à criminalidade. Ao considerarmos em números absolutos, pode parecer que não ocorrem tantos crimes nos bairros, no entanto, é necessário considerar o contexto em que tais localidades estão inseridas. Essa questão é comprovada pelo fato de um número muito grande de entrevistados reivindicar policiamento.

Sinteticamente, apresentamos nas tabelas 5 e 6, as principais reivindicações dos moradores em relação ao bairro.

TABELA 5 – O que os entrevistados em Arduíno Bolívar consideram que falta no bairro – 2006

O que falta	(%)
Farmácia	22,9
Assistência médica	10,4
Policimento	35,4
Sacolão	2,1
Padaria	4,2
Limpeza	10,4
Calçamento	8,3
Administração	4,2
Área de lazer	16,7
Casa lotérica	2,1
Asfalto	6,3
Curso profissionalizante	2,1
Supermercado	2,1
Ampliar escola	6,3

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

TABELA 6 – O que os entrevistados em São José consideram que falta no bairro – 2006

O que falta	(%)
Limpeza	17,8
Maior atuação do presidente da Associação	4,4
Melhor assistência Médica	11,1
Igreja	11,1
Ônibus escolar	2,1
Comércio	4,4
Asfalto	13,3
Transporte urbano	6,7
Área de lazer	13,3
Organização	6,7
Policimento	15,6

Fonte: Dados coletados em entrevistas aos moradores – 2006. Elaboração da autora (2006).

Conforme podemos notar nas tabelas, uma das principais reivindicações é o serviço de saúde, pois muitos dos entrevistados reclamam melhorias no atendimento.

Quando a maioria dos entrevistados afirmou que o atendimento é bom, muitas vezes referiam-se ao fato de o médico que trabalha no posto atendê-los bem. Por esse motivo, consideram o atendimento médico bom e reivindicam melhorias na assistência médica, na infra-estrutura do posto, principalmente.

A presidente e o vice da Associação de Moradores do Bairro São José, afirmam que as principais reivindicações dos moradores são a construção de uma rede pluvial, o calçamento nas ruas e a melhoria na coleta de lixo, mas, recentemente começaram a requerer também asfalto. De acordo com o entrevistado “os moradores reclamam com relação à coleta de lixo e limpeza”.

Essas reivindicações dos moradores que foram apresentadas e discutidas confirmam o acesso limitado a equipamentos de infra-estrutura, como coleta de lixo, limpeza e comércio, bem como aos bens urbanos, como escolas, emprego, saúde. Isso significa que ainda hoje, passados mais de trinta anos da criação dos bairros, eles revelam aspectos da segregação socioespacial, originada a partir da expulsão da população para essas áreas.

4.3. Como os moradores já conseguiram melhorias

O fato de a maior parte dos entrevistados gostar do bairro em que moram, não significa que eles estão conformados com a realidade apresentada. Fato que comprova isso é a mobilização da comunidade no sentido de conseguir melhorias para a mesma. Dois exemplos disso são as Associações de Moradores e as creches, sendo que estas são mantidas por meio de esforço da própria comunidade.

4.3.1. Algumas conquistas das Associações de Moradores

Os moradores dos dois bairros pesquisados fundaram Associação de Moradores, com o objetivo de conseguir melhorias. Acreditavam que por meio da Associação era mais fácil requerer junto às autoridades as mudanças necessárias.

Marcelo Machado Martins sintetiza que: “Toda comunidade deve unir para conseguir seus direitos, conseguir mais benefícios porque é muito importante uma comunidade organizada com relação a saúde, ao bem estar social. Então eu acho que um

grupo, ele sempre reunido, ele acaba tendo mais observação das autoridades e mais preocupação e assim tendo seus direitos e reivindicações sendo feitas para essas autoridades. Quando é para uma pessoa, não se preocupa tanto. É muito mais precisa quando é feita através de uma comunidade, de uma Associação”.

No caso do Arduíno Bolívar, foi com ajuda da Associação, por meio da promoção de festas e eventos, que a população conseguiu construir a Igreja do bairro e a creche.

A Associação colabora, também, na manutenção da creche existente no bairro, a qual é mantida por meio de parceria com a Prefeitura e doações. A Prefeitura arca com seis funcionários e uma pequena parte da alimentação. São, no total, três professoras, três auxiliares de sala, três auxiliares de serviços gerais e uma cozinheira. A estrutura física da creche é composta por três salas de aula, banheiro, refeitório, cozinha, parquinho, laje e secretaria. Atende a setenta crianças, com idades entre dois e cinco anos, sendo que elas ficam na creche de sete as dezesseis e trinta. As crianças estudam, brincam, com horários definidos. São crianças do próprio bairro, do Vau Açú, Boa Vista, São José e Nova Era.

No caso do São José, a Associação conseguiu várias melhorias, como o transporte coletivo e o calçamento das ruas. Atualmente, buscam fundos para construção de um novo posto, creche e área de lazer, sendo que o terreno já foi adquirido. Joubert Rodrigues afirma que o projeto do posto já está pronto, mas o da creche ainda não. Ele disse que “a verba é do governo. Veio R\$150000,00, nós compramos o terreno por R\$80000,00. Vai ser o posto de saúde, a creche e uma área de lazer”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao estudarmos os bairros Arduíno Bolívar e São José, formados por população de baixa renda e que foi segregada de maneira imposta, constatamos que constituem uma área que reflete uma realidade maior. Apesar de termos discutido a dinâmica somente desses dois bairros, eles refletem características de uma realidade observada em vários bairros viçosenses, especialmente os que se localizam próximos aos estudados. Isso porque muitos desses bairros foram formados de maneira parecida e são constituídos por populações com características socioeconômicas semelhantes.

Entretanto, este estudo também apresenta limitações: ao se considerar que não foi possível visitar todas as residências, identificar todos os agentes da segregação, bem como averiguar todos os processos que levaram a formação dos bairros. Outra limitação desta pesquisa, refere-se ao fato de não termos estudado as periferias de luxo, locais também segregados que constituem áreas periféricas, mas de maneira diferente da que é aqui analisada. Mesmo com as limitações, presentes em qualquer pesquisa, consideramos que, apesar de não estudarmos todas as periferias de Viçosa formadas a partir do processo de segregação imposta, podemos constatar aspectos em comum referentes à realidade desses locais.

Em um primeiro momento, tomando por base uma análise superficial e parte dos relatos de moradores, a realidade desses bairros pode revelar aspectos bons. Isso porque possuem todo arruamento demarcado, os lotes são delimitados e as construções são estruturadas. Há saneamento básico e transporte coletivo. Entretanto, esses dados não podem ser considerados como únicos ao se analisar os bairros em questão.

Os bairros Arduíno Bolívar e São José são bairros formados por população segregada, que possui baixa renda e acesso inadequado aos bens urbanos. Essa população foi segregada de maneira imposta, uma vez que não encontrou no centro ou em áreas próximas a ele, condições de acesso a terra. A maior parte dessa população reside no bairro desde sua implementação, ou seja, há mais de trinta anos, e ainda hoje não possui amplo acesso aos equipamentos de infra-estrutura e aos bens urbanos.

Nos bairros não há oferta de emprego, não há estabelecimentos comerciais como padaria, farmácia, supermercado, ou seja, o comércio não é suficiente para atender a demanda. A escola existente no Arduíno Bolívar funciona em condições inadequadas:

as salas são poucas e pequenas e não há espaço para prática de Educação Física, além disso, a escola é de Ensino Fundamental, não havendo oferta de Ensino Médio. Não há opções de lazer nos bairros pesquisados. Os postos médicos que atendem aos bairros não marcam consultas, não realizam exames, não atendem emergência. Ainda hoje, nem todas as ruas dos bairros são pavimentadas e não há rede de drenagem pluvial eficiente. Não há coleta de lixo e limpeza em todas as ruas. Um aspecto que agrava ainda mais os problemas é o fato de que para ter acesso a muitos dos bens mencionados, como escola de Ensino Médio e trabalho, a população dos bairros precisa deslocar-se para o centro, sendo que, apesar de haver transporte coletivo nos bairros, o preço da passagem é alto, dificultando a possibilidade de muitos em arcar com essa despesa.

Nessa perspectiva, consideramos ser urgente e necessária a implementação de medidas públicas que tenham como finalidade a busca de melhorias para os bairros em questão. É preciso realizar o calçamento das ruas, a construção de uma rede de drenagem eficiente, a melhoria no atendimento médico, viabilizar o acesso à educação e ao emprego, dentre outros fatores.

São bairros que, desde a sua formação, estão ligados ao processo de segregação e que, portanto, dificilmente deixarão de ser segregados, já que tal processo está embutido desde a constituição dos mesmos. Este fato, entretanto, não deve ser considerado como justificativa para que não sejam realizadas melhorias nos bairros. É necessário que a população tenha acesso amplo e irrestrito a equipamentos de infraestrutura e bens urbanos, pois se trata de bairros que, apesar de possuírem mais de trinta anos de criação, ainda hoje revelam aspectos da segregação socioespacial.

BIBLIOGRAFIA

BASSUL, José Roberto. Reforma urbana e Estatuto da Cidade. *EURE (Santiago)*: 2002, vol.28, n.84 [09 abr. 2004], p.133-144. Disponível em: <http://www.scielo.cl/scielo>. Acesso em 02 jun. 2005.

BITOUN, Jan; MIRANDA, Livia. Estrutura espacial da diferenciação sócio-ocupacional na região metropolitana do Recife 1980-2000. In: *Metrópoles: entre a coesão e a fragmentação, a cooperação e o conflito*, 2004. 1 CD ROM.

CARLOS, Ana Fani Alessandri. *A cidade*. São Paulo: Contexto, 1992. 98p.

_____. *A (Re)produção do espaço urbano*. São Paulo: Edusp, 1994. 270p.

CARVALHO, Ailton M.; BARBI, Frederico N. As cidades médias de Minas Gerais: dinâmica e distribuição regional. Rio de Janeiro: Instituto de pesquisa e Planejamento Urbano e Regional. *Série Estudos e Debates*, n. 39, dez. 1999. 30p.

CORRÊA, Roberto Lobato. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989. 94 p.

DANIEL, Celso. Poder Local no Brasil Urbano. *Espaço e Debates*, São Paulo, n.24, 1988.

FERRARA, Lucrecia D'Alessio. *Olhar Periférico: informação, linguagem, percepção ambiental*. São Paulo: Edusp, 1993. p. 151-156.

INSTITUTO Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Censo Demográfico 2000. Disponível em: <<http://www.ibge.gov.br>>. Acesso em: 04 jun. 2006.

LEFEBVRE, Henri. *A revolução urbana*. Tradução de Sérgio Martins. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002. 178p.

LIMA, Fabiano Cordeiro de Souza. *O papel da Universidade Federal de Viçosa nas transformações do espaço da cidade de Viçosa (MG) no período de 1970 a 1980*. 2006. 52f. Monografia (Bacharelado em Geografia) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2006.

MOREIRA, G. F., et al. Uso e ocupação do solo no campus da Universidade Federal de Viçosa: subsídios à expansão institucional. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE GEÓGRAFOS, 6º, 2004, Goiânia-GO. *Anais*. 1 CD ROM.

MELLO, Fernando Antonio Oliveira. *Análise do processo de formação da paisagem urbana do município de Viçosa, Minas Gerais*. 2002. 103f. Dissertação (Mestrado em Ciência Florestal) – Centro de Ciências Agrárias, Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2002.

PERLMAN, Janice E. *O mito da marginalidade: favelas e políticas no Rio de Janeiro*. Tradução de Waldívia Marchiori Portinho. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977. 377p.

RIBEIRO, Luiz César de Queiroz; AZEVEDO, Sérgio (orgs). *A crise da moradia nas grandes cidades: da questão da habitação à reforma urbana*. Rio de Janeiro: ed UFRJ, 1996. p. 49-62.

RIBEIRO, Luiz César; SANTOS JUNIOR, Orlando A. (orgs). *Globalização, fragmentação e reforma urbana: o futuro das cidades brasileiras na crise*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1994.

SANTOS, Milton. *A Urbanização Brasileira*. São Paulo: Hucitec, 1993. 157 p.

SANTOS, Milton; SILVEIRA, Maria Laura. *O Brasil: Território e sociedade no início do século XXI*. 4 ed. Rio de Janeiro: Record, 2002. p.199-218.

SILVA, Carlos Alberto F. O capital incorporador e a segregação social do espaço urbano. *Boletim Goiano de Geografia*. v.12, p.53-63 jan-dez. 1992.

SOUZA, Marcelo Lopes de. Desenvolvimento Urbano: a problemática da renovação de um “conceito”-problema. *Revista Território*, v.3, n.5, p. 5-29, jul-dez. 1969.

_____. *Mudar a Cidade: uma introdução crítica ao planejamento e à gestão urbana*. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002. 560p.

_____. Participação popular no planejamento e gestão de cidades sociopolítico-espacialmente fragmentadas: um ensaio sobre enormes obstáculos e modestas possibilidades. In: CARLOS, Ana Fani Alessandri; LEMOS, Amália Inês Geraiges (orgs). *Dilemas Urbanos: novas abordagens sobre a cidade*. São Paulo: Contexto, 2003. p. 266-275.

_____. *Urbanização e desenvolvimento no Brasil atual*. São Paulo: Ática, 1996. 88p.

SOUZA, Marcelo Lopes de; RODRIGUES, Glauco Bruce. *Planejamento urbano e ativismos sociais*. São Paulo: Editora UNESP, 2004. 136p.

SPOSITO, Maria Encarnação B. Reestruturação da cidade. *Revista do Gaspar*, n.3, 2000. p. 111-126.

VIÇOSA. Lei Municipal nº 125, de 28 de abril de 1975. Viçosa (MG): Câmara Municipal de Viçosa, 1975.

ANEXOS

Anexo 01: Entrevista dirigida aos Presidentes das Associações de Moradores dos Bairros Arduíno Bolívar e São José.

Histórico do bairro

Quando se deu início o loteamento do bairro? Como se deu tal loteamento? Quem foi o responsável pelo mesmo?

Antes do loteamento, o que havia no local do bairro?

Quando chegaram os primeiros moradores?

Como surgiram os nomes “Amoras” e “Arduíno Bolívar”/ “Laranja” e “São José”?

Sobre o bairro

Como é feita a coleta de lixo no bairro? Funciona para todas as ruas?

Há serviço de limpeza no bairro? É realizada com qual frequência? Em todas as ruas?

Como é o bairro em relação a segurança e sinalização? Há reclamações por parte dos moradores no que se refere a este item e aos anteriores?

Há opções de lazer neste bairro? Quais.

Ocorrem crimes com frequência no bairro? Qual tipo de crime.

Quais são os tipos de comércio existentes no bairro? Eles atendem à demanda?

Como funciona o serviço de saúde no bairro? Atende à demanda?

Há escolas no bairro? E creches? Atendem à demanda?

Como é o serviço de transporte coletivo? Atende à demanda?

Há saneamento básico para todos moradores?

Sobre a Associação de Moradores

Quando e como foi criada a Associação de Moradores?

Qual a finalidade da Associação?

Desde quando o senhor(a) é o(a) presidente?

Quais são os cargos existentes na Associação?

Quais são os principais assuntos discutidos nas reuniões?

Quais são as maiores reivindicações dos moradores?

Há boa participação popular?

Alguma informação que gostaria de acrescentar

Anexo 02: Entrevista dirigida a Maria das Dores, responsável pela Creche Santa Terezinha, no Bairro arduíno Bolívar.

Qual o seu cargo e função na creche?

Quem são os responsáveis pela creche?

Como e quando surgiu a creche?

Como a creche é mantida?

Quantas crianças estudam aqui? Todas moram no bairro? Qual a idade delas?
 Quantas horas por dia as crianças ficam na creche e quais são as atividades desenvolvidas com elas?
 De que forma a senhora acredita que a creche contribui para melhorias na vida dos moradores do bairro?

Anexo 03: Entrevista dirigida aos moradores dos Bairros Arduíno Bolívar e São José

QUESTIONÁRIO PARA APLICAÇÃO JUNTO AOS MORADPRES DOS BAIRROS

Bairro: _____

- 1) Qual a idade do chefe da família? _____
- 2) Sexo do chefe da família () F () M
- 3) Grau de instrução do chefe da família () Analfabeto () Ensino Fundamental Incompleto () Ensino Fundamental Completo () Ensino Médio Incompleto () Ensino Médio Completo () Superior Incompleto () Superior Completo () Outros _____
- 4) Profissão do chefe da família _____
- 5) Quantas pessoas residem na casa? ___ Quantos adultos? __ Quantas crianças? _____
- 6) Quais membros da família freqüentam escola? Idade e série _____

 Qual escola? _____
 Em qual bairro estuda? _____
- 7) Quais membros da família trabalham? Idade e quantas horas por semana _____

 Onde trabalha? _____
 Em qual bairro trabalha? _____
- 8) Há quanto tempo reside no bairro? () Menos de 6 meses () De 6 meses a 1 ano () Mais de 1 ano a 5 anos () Mais de 5 anos a 10 anos () mais de 10 anos
 Onde morava antes? _____
 Por que se mudou? _____
- 9) Sua residência é () Própria () Alugada () Cedida () Financiada () Outros
- 10) Você possui escritura da casa? () Sim () Não
- 11) Quantos cômodos há na residência? () 1 () 2 () 3 () 4 () 5 () 6 ou mais

12) Sua casa possui abastecimento de água? () Sim () Não De que tipo? () poço profundo () da rua () poço artesiano () de chuva () não sabe

Impressão do entrevistador _____

13) Possui caixa d'água? () Sim () Não

14) Possui esgoto sanitário? () Sim () Não () ligado a rede fluvial () escoando na vala () outros () escoamento em fossa () escoamento direto no rio

15) Com que frequência é coletado o lixo? _____

16) Há caixas coletoras de lixo suficientes? () Sim () Não

17) Há energia elétrica? () Sim () Não () Cemig () Outros

18) Em sua casa há: () fogão a gás () fogão a lenha () geladeira () televisão () rádio () banheiro () empregada () máquina de lavar roupa () automóvel

19) A oferta de trabalho em seu bairro é () muito satisfatória () satisfatória () insatisfatória () não sabe

E em Viçosa () muito satisfatória () satisfatória () insatisfatória () não sabe

20) Qual meio de transporte você mais utiliza? Ordene () ônibus () bicicleta () carro () outros _____

21) O transporte em seu bairro é () muito satisfatório () satisfatório () insatisfatório () não sabe

22) Em que lugar e bairro você faz compras _____

23) Em que lugar e bairro você se diverte _____

24) As ruas daqui são: () ótimas () boas () ruins
O que falta em sua rua () pavimentação () iluminação () drenagem pluvial () sinalização () calçadas () orelhão () outros _____

25) Quando alguém fica doente a quem recorre? _____
Onde? _____

26) Como é o atendimento médico em seu bairro () ótimo () bom () ruim

27) Há algum programa de assistência médica em seu bairro? () Sim () Não
Qual? _____

28) O que você gosta neste bairro? _____
O que você não gosta? _____

O que falta em seu bairro () posto médico () escola () Igreja () área de lazer () creche () policiamento () outros _____

29) Como você se informa? () livros () jornais () rádio () televisão () Internet () outros _____

30) Qual é a renda da família? () Menos de um salário () De um a dois salários () Mais de dois salários a três salários () Mais de três salários a quatro salários () Mais de quatro salários

Outras observações: